

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PLANEJAMENTO EDUCACIONAL

UMA POPULAÇÃO FAVELADA CATARINENSE:
suas origens, fatores de favelização
e aspirações.

Dissertação apresentada aos cursos
de Pós-Graduação em Educação da Fa-
culdade de Educação - UFRGS, como
requisito para obtenção do título
de Mestre em Educação.

JARBAS JOSÉ CARDOSO

162253

- . Professor-assistente da Faculdade de Educação da FESC/UEDESC.
- . Técnico em Educação da Superintendência Adjunta de Ensino Superior da FESC/UEDESC.
- . Assessor Técnico da Associação Catarinense das Fundações Educacionais/ACAFE.

Porto Alegre, 1983.

FICHA CATALOGRÁFICA

C 268p	<p>Cardoso, Jarbas José, 1952 - Uma população favelada catarinense: suas origens, fatores de favelização e aspirações. Porto Alegre, 1983. 142p.</p> <p>Tese (Mestrado - Educação) - UFRGS</p>
--------	--

CDU: 332.252.7-058.5'831.3(816.41)
 (816.41)332.252.7-058.5'831.3
 332.252.7-058.5'831.3:301.154(816.41)
 301.154:332.252.7-058.5'831.3(816.41)

ÍNDICES ALFABÉTICOS PARA O CATÁLOGO SISTEMÁTICO

Favelas: Florianópolis 332.252.7-058.5'831.3(816.41)
 Florianópolis: Favelas (816.41)332.252.7-058.5'831.3
 Aspirações: Favelas: Florianópolis 301.154:332.252.7-058.5'831.3(816.41)
 Favelas: Aspirações: Florianópolis 332.252.7-058.5'831.3:301.154(816.41)

Bibliotecária Responsável
 Maria Margarida do Canto
 CRB-10/471

Professor Orientador:

Doutor Juan Antonio Tijiboy

- . Doutor em Educação pela Stanford University California, Estados Unidos.
- . Professor Adjunto do Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação da UFRGS.
- . Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

À minha esposa Rose Salette de Paula Cardoso, com muita ternura e amor, e aos nossos filhos Leonardo de Paula Cardoso e Ricardo de Paula Cardoso com afeto.

Este trabalho foi realizado como atividade relacionada ao PROGRA
MA DE EDUCAÇÃO PARA O MEIO RURAL, desenvolvido pelos Cursos de Pós
Graduação em Educação da UFRGS.

ÍNDICE

Agradecimentos	VIII
Lista de Tabelas	XI
Lista de Quadros	XIV
Resumo	XVI
Abstract	XVII
INTRODUÇÃO	18
I O PROBLEMA	19
II REFERENCIAL TEÓRICO	21
1. A favela	21
2. Possíveis origens da favela	24
3. Aspirações	27
4. Indagações de pesquisa	28
III METODOLOGIA	30
1. Grupo de variáveis e sua operacionalização	30
2. Contexto do estudo	38
3. A população-alvo	39
4. Instrumento	40
4.1. Elaboração e testagem do instrumento	41
5. Coleta de dados	41
6. Análise e processamento dos dados	42
7. Limitações do estudo	44
8. Relevância do estudo	45
IV DESCRIÇÃO DA POPULAÇÃO ESTUDADA	46
1. Características pessoais dos chefes de família	46
2. Origem geográfica dos chefes de família	49
3. Situação sócio-econômica dos chefes de família	55
4. Sugestões de melhoria para a vila	75

V	AS ASPIRAÇÕES EDUCACIONAIS E OCUPACIONAIS DOS CHEFES DE FAMÍLIA	76
	1.1. Aspiração ocupacional do chefe de família	76
	1.2. Aspiração educacional do chefe de família	77
	2.1. Aspiração educacional do chefe de família para um de seus filhos	79
	2.2. Aspiração ocupacional do chefe de família para um de seus filhos	81
VI	FATORES QUE INFLUEM NAS ASPIRAÇÕES EDUCACIONAIS DOS CHEFES DE FAMÍLIA PARA UM DE SEUS FILHOS	83
	1. Chefes de família com filho na escola	84
	2. Chefes de família sem filho frequentando a escola ..	91
VII	SÍNTESE DOS RESULTADOS - ALGUMAS SUGESTÕES	98
VIII	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103
	ANEXO 1: Entrevista do migrante	108
	ANEXO 2: Entrevista do não-migrante	120
	ANEXO 3: Codificação das Ocupações	130
	ANEXO 4: Codificação dos Motivos	132
	ANEXO 5: Codificação dos Municípios	135
	ANEXO 6: Codificação da informação a respeito de como se mantem os favelados desempregados	138
	ANEXO 7: Codificação das melhorias sugeridas na vila pelos favelados	139
	ANEXO 8: TABELAS 20 e 21.....	140
	ANEXO 9: TABELA 28.....	142

A G R A D E C I M E N T O S

Este estudo consistiu, para o autor, numa primeira experiência de pesquisa. Em face disso, considera-se importantes todos os auxílios recebidos durante as diversas etapas do trabalho. Entretanto, não se poderia deixar de agradecer e mencionar o nome de pessoas e instituições que, de uma forma muito especial, prestaram valiosas colaborações:

- . ao incansável orientador, Doutor Juan Antonio Tijiboy a quem o autor deseja expressar sinceros agradecimentos pelo incentivo e pela segura orientação do trabalho, como também por iniciá-lo na difícil tarefa de pesquisador;
- . ao Doutor Paulo Schutz, cujo interesse e acompanhamento enriqueceram o trabalho, especialmente, no que se refere à elaboração do instrumento e tratamento estatístico dos dados;
- . ao Ex-Reitor da FESC/UDESC, o Professor João Nicolau Carvalho, por ter incentivado, quando da escolha do tema;
- . ao Superintendente da FESC/UDESC, o Professor Lauro Ribas Zimmer, que oportunizou a conclusão do trabalho,
- . ao Ex-Superintendente Adjunto de Planejamento da FESC/UDESC, Professor Sérgio Schmitz, pela efetiva colaboração, na elaboração do instrumento de pesquisa;
- . ao Superintendente Adjunto de Ensino Superior da FESC/UDESC, Professor Nereu do Vale Pereira, que facilitou a conclusão do trabalho;

- . à Diretora da Faculdade de Educação da FESC/UEDESC Professora Teresinha Isabel Manso Muniz, que viabilizou o recrutamento e treinamento dos entrevistadores da pesquisa;
- . aos dedicados entrevistadores do Curso de Estudos Sociais da Faculdade de Educação da FESC/UEDESC e dos Cursos de Sociologia e Medicina da UFSC, Maria José do Amaral e Silva, Carlos Roberto Nunes, Eliani Silva, Maristela A. Drapischinchiz, Rosangela Souza de Moraes, Marlene Cardoso;
- . à Professora Maria Terezinha Pereira e Silva, pela dedicação na revisão de todo o trabalho;
- . Professora Carmen Helena Lanezos, pela revisão da Linguagem;
- . ao motorista e fotógrafo, Senhor Pedro Renato Schmeider, pela sua dedicação durante o período de coleta de dados;
- . aos funcionários Haroldo Schambeck e Maria Aparecida Cândido Rabe lo e demais funcionários da Superintendência Adjunta de Ensino Superior da FESC/UEDESC, que, de uma forma ou de outra, auxiliaram na execução do presente trabalho;
- . a todos os colegas e, em particular, Luiz Botelho de Albuquerque, Lucia Regina Côgo Marques, Nilton Poeta de Melo, Blanda Bohrer, João Cláudio Rhoden, Isaac Ziegelmann e Wallace Lenhenneman que contribuíram para que se mantivesse o entusiasmo pelo trabalho;
- . à Professora Ana Maria Becker Maciel do "Curso de Inglês para Leitura", da UFRGS, pelo assessoramento em Língua Inglesa;
- . aos Professores do Curso de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, pela oportunidade de crescimento;
- . ao Secretário Executivo da ACAFE, Professor Rogério Braz da Silva, por ter proporcionado a datilografia da dissertação;

- . Ao Superintendente Adjunto de Administração e Finanças da FESC/ UDESC, Professor Raimundo Zumblick, por ter facilitado a reprodução dos exemplares da dissertação.

Finalmente, agradece o autor aos chefe de família da população favelada do "Pasto do Gado" pela colaboração recebida, sem a qual não teria sido possível a realização deste trabalho.

LISTA DE TABELAS

TABELA	1:	Número e percentual do tempo de residência dos chefes de família na vila (N=168).....	47
TABELA	2:	Número e percentual dos chefes de família, que declararam ter filhos vivos e filhos morando com eles (N=150)	48
TABELA	3:	Microrregiões de origem dos chefes de família migrantes (N=140)	50
TABELA	4:	Idade do chefe de família migrante ao sair do lugar de origem (N=140)	51
TABELA	5:	Número de trânsitos migratórios realizados pelos chefes de família migrantes, até fixarem residência na vila (N=140)	52
TABELA	6:	Motivos dos chefes de família para: (a) abandonar o lugar de origem e (b) ir para a vila (N=168)...	53
TABELA	7:	Motivos dos chefes de família para permanecer na vila (N=114)	54
TABELA	8:	Motivos para os chefes de família abandonar a vila (N=54)	55
TABELA	9:	Número e percentual do nível de escolaridade dos chefes de família (N=168).....	67
TABELA	10:	Número e percentual da ocupação atual dos chefes de família que trabalham (N=127)	68
TABELA	11:	Número e percentual do nível de satisfação salarial dos chefes de família que trabalham (N=127)	69

TABELA 12:	Número e percentual da ocupação anterior dos chefes de família não-migrantes que trabalhavam (N=15)	72
TABELA 13:	Número e percentual dos meios utilizados pelos chefes de família migrantes e não-migrantes desempregados para se manterem (N=41)	73
TABELA 14:	Número e percentual do principal motivo dos chefes de família migrante e não-migrantes ter abandonado a última ocupação (N=41)	74
TABELA 15:	Melhorias para a vila sugeridas pelos chefes de família (N=168)	75
TABELA 16:	Aspiração ocupacional dos chefes de família que gostaria de mudar de ocupação (N=89)	77
TABELA 17:	Comparação percentual da aspiração educacional dos chefes de família, com seu nível de escolaridade (N=168)	78
TABELA 18:	Comparação percentual das aspirações educacionais "desejada" e "julgada alcançável" pelos chefes de família, para seus filhos (N=150)	80
TABELA 19:	Número e percentual da aspiração ocupacional dos chefes de família para seus filhos (N=150)....	81
TABELA 20:	Nível de escolaridade em 1980, do(a) filho(a) que frequenta a escola (N=73)	140
TABELA 21:	Outras atividades que a escola poderia oferecer, além de ler, escrever e fazer contas, segundo os chefes de família que tem filho frequentando a escola (N=73)	141
TABELA 22:	Associação das Aspirações Educacionais ideal e real. Subgrupo: Chefes de família com filhos que frequentam a escola (N=73)	84
TABELA 23:	Média e desvio padrão das variáveis que entraram nas equações de regressão (1) e (2). Subgrupo: Chefes de família com filhos na escola. (N=73)	86
TABELA 24:	Comparação da ordem de entrada das variáveis independentes nas equações (1) e (2). Variáveis dependentes: "Aspirações educacionais ideais" e "Aspirações educacionais reais". Subgrupo: Chefes	

XIII

TABELA 25:	Associação das aspirações educacionais ideal e real. Subgrupo: Chefes de família, sem filho frequentando a escola (N=73)	91
TABELA 26:	Média e desvio padrão das variáveis que entraram nas equações de regressão (3) e (4). Subgrupo: Chefes de família sem filhos na escola (N=73)	93
TABELA 27:	Comparação da ordem de entrada das variáveis independentes nas equações (3) e (4). Variáveis Dependentes: "Aspirações educacionais ideais" e "Aspirações educacionais reais". Subgrupo: Chefes de famílias sem filhos frequentando a escola (N=73)	94
TABELA 28:	Motivo apresentado pelos chefes de família, para não ter filho frequentando a escola (N=73)	142

LISTA DE QUADROS

QUADRO	1:	Definição Operacional de Variáveis	32
QUADRO	2:	Infra-estrutura social na Vila do Pasto do Cado.1981	39
QUADRO	3:	Comparação percentual da situação de posse da moradia dos chefes de família migrantes, na vila e no lugar de origem (N=140)	56
QUADRO	4:	Comparação percentual do número de pessoas e de peças da moradia na vila e no lugar de origem, dos chefes de família migrantes (N=140)..	57
QUADRO	5:	Comparação percentual do tipo de parede, piso e cobertura da moradia na vila e no lugar de origem, dos chefes de família migrantes (N=140)	58
QUADRO	6:	Comparação percentual das condições de moradia na vila e no lugar de origem, dos chefes de família migrantes (N=140)	59
QUADRO	7:	Comparação percentual da posse de instrumentos de cozinha e utensílios domésticos na vila e no lugar de origem, dos chefes de família migrantes (N=140)	60
QUADRO	8:	Comparação percentual da situação de posse da moradia na vila e na residência anterior dos chefes de família não-migrantes (n=28).....	62

QUADRO 9:	Comparação percentual do número de pessoas e de peças da moradia na vila e na residência anterior, dos chefes de família não-migrantes (N=28)	63
QUADRO 10:	Comparação percentual do tipo de parede, piso e cobertura da moradia na vila e na residência anterior, dos chefes de família não-migrantes (N=28)	64
QUADRO 11:	Comparação percentual das condições sanitárias, de água e iluminação na vila e na residência anterior, dos chefes de família não-migrantes (N=28)	65
QUADRO 12:	Comparação percentual dos instrumentos e utensílios da moradia na vila e na residência anterior (N=28)	66

R E S U M O

O propósito desta pesquisa foi o de estudar uma população residente em periferia urbana, quanto a suas origens, fatores de favelização, aspirações educacionais e ocupacionais, buscando obter insumos para um planejamento educacional, fundamentado na realidade da população periférica.

O estudo oportunizou, além da observação e da descrição da realidade investigada, detectar o poder de predição de algumas variáveis que influem nas aspirações dessa população. A pesquisa foi realizada com 168 chefes de família, residentes em uma vila, situada à margem do perímetro urbano de Florianópolis, Estado de Santa Catarina.

Na parte descritiva do estudo, se utilizou a distribuição de frequência para determinar o presente status da população. Para a parte preditiva, foram elaboradas quatro equações de regressão múltipla, com o intuito de se observar a influência de fatores pessoais, educacionais, sócio-econômicos e de origem geográfica sobre as aspirações educacionais (ideal e real) dos chefes de família em relação a seus filhos.

Quanto as variáveis selecionadas, o estudo sugere que, em populações periféricas, tanto a instrução, sexo e origem do chefe de família, como a escolaridade do filho, influem significativamente na aspiração educacional (ideal ou real) do chefe de família em relação aos filhos.

O estudo faz algumas inferências que poderiam servir de subsídios, tanto no planejamento e na administração da educação nesse tipo de população, especificamente, no que concerne a realização de programas e pesquisas educacionais junto a

A B S T R A C T

The purpose of this research was to study a population on an urban periphery to determine the factors relevant to its origin and development into a slum (favela); and the educational and occupational aspirations of its inhabitants. The goal of this investigation is to obtain insights to improve educational planning, based on the needs and aspirations of the population.

In addition to observing and describing the current status of this population, this study attempts to determine some of the variables that influence the aspirations of the people. 168 (one hundred sixty-eight) heads of families, residing in a small village at the periphery of the city of Florianópolis in the state of Santa Catarina, comprised the sample.

In the descriptive phase of the study frequency distributions were employed to determine the present status of the population. In the next phase, four multiple regression equations were used to assess the influence of personal, educational, socio-economic, and geographic factors on the real and ideal educational aspirations of the heads of families for their children.

The findings suggest that in this population, educational level, sex, and origin of the head of the family, as well as the educational level of the child, significantly influenced both the real and ideal educational aspirations of the heads of the families for their children.

This study leads to inferences regarding the planning, development, and administration of educational

I N T R O D U Ç Ã O

O presente trabalho enfoca o fenômeno da marginalização urbana e suas relações com a migração rural. O estudo se realiza através da análise das causas de favelização e aspirações de grupos migrantes e não-migrantes numa população periférica. O estudo visa detectar alguns insumos básicos, que possam sugerir alternativas para uma abordagem educacional destas populações.

Organizou-se este relatório da seguinte maneira: o capítulo I contém o problema e os objetivos da pesquisa. O capítulo II apresenta o referencial teórico, referente ao tema proposto e às indagações de pesquisa que norteiam o estudo. O capítulo III refere-se à metodologia do estudo. O capítulo IV descreve a população estudada, levando-se em conta suas características pessoais, situação sócio-econômica e a origem geográfica. O capítulo V reporta-se às aspirações ocupacionais e educacionais do chefe de família e deste para um de seus filhos. O capítulo VI apresenta e discute os fatores que influem, significativamente, sobre as aspirações educacionais (ideal e real) do chefe de família para um de seus filhos. O capítulo VII apresenta a síntese dos resultados e algumas sugestões, levando em consideração duas estratégias educacionais: a) uma voltada às microrregiões de origem e b) centrada nos problemas existentes na vila.

CAPÍTULO I

O PROBLEMA

A favela, embora já existente na periferia das grandes cidades brasileiras, desde o fim do século XIX, não representava ainda um problema urbano. Sua intensificação ocorreu após a segunda guerra mundial, quando o processo de industrialização ganha impulso, com o advento da tecnologia poupadora de mão-de-obra. Desta forma, a introdução de tecnologia sofisticada, tanto na indústria, como na agricultura, parece ocasionar a formação de um excedente de mão-de-obra, que passa a constituir as fileiras dos desempregados, ou sub-empregados na zona rural e na zona urbana.

A proliferação de favelas, no país, não só está ligada ao acelerado avanço da indústria, como também, à acentuada migração interna, ocorrida a partir dos anos 50. Observa-se que a penetração do capitalismo na economia rural brasileira, aparentemente não provocou a revolução agrícola esperada, em vista disso, muitas regiões do país continuam empregando tecnologia antiquada, com baixos níveis de produtividade do trabalho e de rentabilidade de solo, ocasionando o baixo nível de vida experimentado por essas populações.

Assim, pressionadas pela tecnologia, que ocupa suas vagas no mercado-de-trabalho, e pela necessidade de sobrevivência, as populações rurais ou de pequenas cidades migram para os centros maiores, constituindo um contingente de mão-de-obra não-qualificada ou semi-qualificada, o qual encontra sérias dificuldades, para ingressar no campo de trabalho e adaptar-se à estrutura de vida e esquema de valores da população urbana.

Cada vez mais os evadidos do campo vão-se juntando aos já residentes, em torno das principais cidades brasileiras, aumentando a percentagem de desempregados. Acredita-se que tal situação, determina o aparecimento de favelas, na periferia dos grandes centros aumentando a marginalização urbana. Desta forma, a favela, se constitui em característica de sociedades em desenvolvimento; ela passa a fazer parte, dos problemas de ordem sócio-econômica-cultural do país. Deve se ter presente que esta população representa uma considerável parcela de indivíduos de baixa renda ou desempregados, supostamente na espera de melhores oportunidades na comunidade onde procuram inserir-se.

Esta problemática reflete-se no setor educacional do país, na medida em que a maioria da população carente parece não estar usufruindo do direito à escolarização, por não ter acesso à escola ou não conseguir nela permanecer.

Em face do volume e complexidade dos problemas que envolve, a marginalização de populações residentes em periferia urbana constitui-se em preocupação de âmbito nacional; educadores, administradores e planejadores estão continuamente em busca de alternativas educacionais que melhor respondam aos anseios e necessidades das populações faveladas e que atendam aos objetivos propostos pelo Governo.

Assim, e ao definir as linhas de ação prioritárias de educação para o período de 1980-1985, o Ministério de Educação e Cultura enfatiza a preocupação de propor estratégias de educação às periferias urbanas, onde delega às Secretarias de Educação de cada Estado a responsabilidade de sensibilizar educadores, administradores e planejadores a tomarem parte ativa nessa prioridade nacional (MEC, 1980).

Tomando em consideração tal preocupação e desejando contribuir na abordagem desta linha proposta, o objetivo substantivo deste trabalho foi conhecer as condições de vida de uma população favelada, sua origem e aspiração, com o propósito de obter alguns subsídios para um futuro planejamento educacional para essas comunidades.

C A P Í T U L O II

REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo discute o problema das favelas, suas possíveis origens e as aspirações educacionais e ocupacionais de seus habitantes, das quais derivam-se as indagações de pesquisa que orientam este trabalho.

2.1 - A favela

A existência de setores urbanos marginais parece ser um fenômeno na América Latina e no Brasil. Supõe-se que seu aumento tenha ocorrido com a industrialização das cidades, sobretudo no período de após-guerra. Por outro lado, o fenômeno da "explosão demográfica", nesta mesma região e após a segunda guerra mundial, segundo Grant (1972) e Faria (1974), contribuiu para um crescimento industrial acelerado, incapaz de absorver a massa de migrantes e/ou de não-migrantes, radicados nos centros urbanos, originando, com isso, a marginalidade dessas populações.

De acordo com Acedo Mendoza (1974) e Perlmann (1977), esta marginalidade pode ser também de uma situação de dependência política-econômica, decorrente da imposição hispano/lusitana, quando da colonização desses países. Num primeiro momento, pela presença de uma soberania política sob a forma de posse territorial, durante o período colonial; num segundo momento, pela especulação de matérias-primas, no período comercial-capitalista e, no período da dominação imperialista ou financeiro-industrial, que ocorreu com a criação de indústria nos países em desenvolvimento. Assim, como na América Latina em geral, poder-se-ia supor-se, que fatores semelhantes aos referidos estariam levando, cada vez mais,

ao aumento de favelas na periferia das cidades brasileiras.

As favelas, embora já existissem, historicamente desde o fim do século XIX e início do século XX, não se apresentavam como um problema para a "paisagem urbana" brasileira, pois eram vistas, apenas, como habitações rústicas, pobres e desconfortáveis, edificadas em encostas de morros das grandes cidades.

A situação mundial de após-guerra trouxe transformações, também, na economia brasileira, que se volta para uma expansão tecnológica, tanto no campo como na cidade. Conforme Parisse (1969), tal expansão está gerando o desenvolvimento industrial e a mecanização da lavoura e, talvez, ambos influam no aumento de favelas nos centros urbanos brasileiros.

Também Perlmann (1977) e Valladares (1978) afirmam que essa população favelada constitui-se num problema social, porque vive em áreas compactas, desprovidas de um traçado urbano e, em sua maioria, situadas em locais íngremes, sem as mínimas condições de sobrevivência. Isto vem ao encontro das colocações de Medeiros (1951) e Blay (1978), quando dizem que essas condições de viver estão caracterizadas pelo tipo de "habitação sub-humana", em cuja construção são utilizados materiais precários e de baixa qualidade, únicos disponíveis de baixo preço ao alcance destes favelados, o que ocasiona a proliferação de casebres ou barracões na periferia urbana.

Instalam-se essas favelas em terrenos tanto de propriedade privada e governamental, como de terceiros. Por essa razão, as autoridades passam a preocupar-se com sua expansão e tendem a erradicá-las. Com vistas a equacionar essa problemática, foram criados órgãos estaduais, como a Companhia de Habitação (COHAB), que visava a eliminação das favelas do perímetro urbano das principais capitais brasileiras. Uma das políticas adotadas por ela, foi transferir seus moradores para conjuntos habitacionais, distantes dos centros, o que parece não ter surtido os efeitos desejados.

Outra tentativa foi realizada pela Companhia de Desenvolvimento da Comunidade (CODESCO), a de "urbanização", mediante melhoramentos na favela, com a ajuda dos próprios moradores (Portes, 1977; Valladares, 1978). Esta alternativa gerou uma incompatibilidade com as então diretrizes do governo federal, que, em

face da situação, criou a Coordenação de Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana (CHISAM), a nível federal, subordinada ao Ministério do Interior e ao Banco Nacional de Habitação (BNH), para coordenar as instituições envolvidas com a construção de habitações populares em todo o Brasil (Valladares, 1978).

Com a CHISAM, retorna a política que visa à erradicação das populações marginais, fixadas em terrenos supostamente estratégicos da periferia das cidades, onde estavam previstas construções de parques industriais (Nunes, 1976). Essa política de erradicação, prevista pelo governo, pretende levar em consideração dois aspectos: a) ao ser removida uma favela, está sendo liberado um terreno, que servirá a futuros empreendimentos imobiliários; b) o favelado será levado a usufruir, em outro local, de uma casa em melhores condições habitacionais (Parisse, 1969).

Nunes (1976) e Perlmann (1977), criticam a estratégia, mencionando que os ex-favelados, já não podem mais gozar das facilidades daquele tipo de convivência comunitária simples, pois ficam separados de antigos vizinhos, assumem outros encargos como: aluguel, luz, água e transporte, distanciam-se de escolas, médicos, serviços, hospitais, etc..., além de terem de assumir, muitas vezes, a tarefa de terminar sua nova casa. Para eles, segundo Valladares (1978), morar em favela, significa não só um convívio comunitário, onde os favelados podem contar com amigos e vizinhos da mesma origem, rural ou inter-urbana, para favores recíprocos, mas uma proximidade deles com os bairros das classes média e alta, que lhes oferecem oportunidades de executarem diversos "biscates", para complementação da renda familiar.

Segundo Blay (1978), a política do Banco Nacional de Habitação (BNH) não consegue ainda suprir as necessidades reais dos favelados, pois, do ponto de vista destes, a solução permanece na favela, já que resolve seus problemas de economia e facilita a locomoção para os locais de trabalho.

No entanto, a tendência governamental continua sendo a de remover e/ou urbanizar as favelas. Não se encontrou até o presente momento, nenhum dado que ateste se ocorreu iniciativa institucional de consultar essa população sobre as suas necessidades e/ou as suas aspirações. Será que as soluções apontadas resolveriam ou diminuiriam os problemas dos favelados?

2.2 - Possíveis origens da favela

Blay (1978) e Ferrarini (1979) sugerem que a origem da favela no Brasil está ligada aos fluxos migratórios das últimas décadas ou, talvez, sejam eles um dos fatores mais importantes do seu surgimento.

Pode-se supor, também, que os constantes fluxos migratórios para as principais capitais brasileiras poderiam estar vinculados, ora à introdução de tecnologia na agricultura, ora à expansão industrial nos centros urbanos. Para Dias (1978), por exemplo, as migrações parecem ser produto de políticas econômicas concentradoras de terra e de capital na zona rural, o que tem levado essa população a migrar aos centros urbanos, vindo juntar-se à população urbana sub-empregada ou desempregada.

Com relação a tipos de migrações existentes no país, é importante mencionar que existem divergências entre os teóricos: uns defendem a tese do fluxo migratório rural/urbano; outros, a dos movimentos populacionais por estágios, ou seja, campo/vila/município/cidade, existentes no fenômeno da migração.

Melo (1978,p.67), adepta da primeira tese, refere que "O movimento migratório responsável pelo gradativo esvaziamento do meio rural,, deve ser entendido como parte do processo geral das migrações campo-cidade, que caracteriza os países da América Latina", enquanto Silva (1973,p.151), partidária da segunda, diz que "..... o movimento para as cidades não é constituído somente de habitantes de zonas rurais, mas, também, daqueles núcleos urbanos menores, isto é, a socialização para as grandes cidades é feita em estágios progressivos como: Campo → Vila → Cidade → Metrôpole".

Singer (1973) sugere que os fluxos migratórios, no Brasil, têm origem em dois tipos de causas: uma, de tipo estrutural (processos de mudança e de estagnação), que estaria atuando no lugar de origem dessas populações, gerando os fatores chamados de "repulsão". Outra, de tipo motivacional, originada pelo fascínio transmitido pelas cidades ao interior, ou pelas aspirações dessas populações, chamados fatores de "atração".

A causa de tipo estrutural poderia ser apre

sentada, num primeiro momento, através dos "processos de mudança", decorrentes, segundo Gonzales & Bastos (1977), da capitalização da agricultura, que leva ao aumento da mecanização e da eletrificação, nas atividades agrícolas e à crescente proletarização no meio rural.

Essas idéias se harmonizam com Melo (1978) e Ferrarini (1979), quando afirmam que a introdução do capitalismo na agricultura parece trazer consigo, além do aumento da produtividade do trabalho, a expansão de latifúndios no meio rural.

Também Gaspar (1970) refere que o crescente aumento do volume de capital nas mãos dos empresários não-agrícolas é causa da acumulação de imensas extensões de terra improdutivas (latifúndios), em detrimento da diminuição do número de minifúndios, cuja rentabilidade econômica é insuficiente para manter uma família camponesa. Esta situação parece estar substituindo antigas relações de trabalho, como: agregados, parceiros, colonatos, pequenos proprietários, arrendatários, etc..., causando a liberação de agricultores não-qualificados e/ou semi-qualificados, que irão constituir o excedente de mão-de-obra do campo.

Segundo Scarfon (1979, p.61), a soma destes problemas sócio-econômicos, existentes na comunidade rural, vem "... agravando cada vez mais suas condições de vida e impelindo essa população a buscar na cidade uma melhoria dessas baixas condições de vida que experimentavam na zona rural", o que ocasiona a liberação em massa de trabalhadores agrícolas. Estes trabalhadores não-qualificados e/ou semi-qualificados parecem contribuir para a formação do "exército industrial da reserva", que favorece uma política salarial, orientada para o barateamento desta mão-de-obra excedente na sociedade (Berlinck, 1977).

Num segundo momento, a causa de tipo estrutural pode ser fundamentada através dos "processos de estagnação", manifestados pela falta de recursos técnicos e financeiros, que atendam aos fenômenos ambientais surgidos durante as safras; pelos problemas da baixa produtividade da terra; pelo alto crescimento natural da população do campo e pelos problemas ligados à disponibilidade de áreas cultiváveis para todos os agricultores (Lopes, 1976).

de "repulsão", que atingem as populações do campo, estão ocasionando problemas sociais, como: baixo nível de renda dos agricultores, falta de trabalho para os jovens, sub-empregos e desemprego, precariedade habitacional, médico-hospitalar, de instrução e de segurança, que, somados aos mencionados aspectos econômicos, podem estar contribuindo para os fluxos migratórios no país.

Outro elemento que poderia estar influenciando nesse processo, parece ser o tipo de instrução oferecida nas escolas do interior ou nas pequenas cidades, que podem tanto agir como fator de "repulsão", quanto de "atração", sobre as populações de zona rural (Schutz e Tijiboy, 1980). Mar (1967) e Rakotomalala & Khoi (1976) argumentam que a educação ministrada no interior e nas cidades pequenas não está levando em conta a heterogeneidade cultural do meio e do país e, com isso, não tem preparado essa população para o mundo real do trabalho, antes pelo contrário, tem acentuado o êxodo do campo para a cidade, de uma juventude produtiva.

Outro fator que talvez esteja contribuindo para o êxodo rural é a precária estrutura daquele sistema educacional. Tal situação reflete-se nas dificuldades encontradas pela clientela, quanto ao acesso escolar, devido à localização da escola e à fatal coincidência dos horários de trabalho com o escolar e, à escolaridade oferecida, que, na maioria das vezes, é unidocente e incompleta.

Além destes aspectos, Havighurst (1973) e Faure et alii (1977) sugerem que há permanência de privilégios no sistema educacional dos países latino-americanos, no que diz respeito à concentração dos meios educativos nos principais aglomerados urbanos, em detrimento de vastas zonas rurais e da periferia dos centros urbanos. Em consequência, uma massa de jovens, sem nenhuma qualificação profissional e sem a escolaridade completa, dirige-se aos centros urbanos, sem condições de competir com a população citadina, encontrando o desemprego e em decorrência disto, marginalizando-se na periferia das cidades (Briones, 1963; Grant, 1972).

Por outro lado, há os fatores de atração que parecem ter induzido essas populações a procurar, na cidade grande, seus atrativos. Reforçando este ponto de vista, Oliven (1974) e Perlmann (1977) afirmam que as cidades transmitem uma série de men

sagens, que chegam às populações do campo e das pequenas cidades, através da comunicação de massa, criando anseios de melhores oportunidades sociais, econômicas e/ou culturais, que as leva a abandonar os lugares de origem, dirigindo-se às cidades.

Acredita-se que os fatores chamados de "repulsão" e de "atração" estejam agindo, simultaneamente, sobre as populações pobres do campo e das pequenas cidades, ocasionando a liberação de mão-de-obra não qualificada e/ou semi-qualificada. Estas populações invadem as grandes cidades, levadas pelo seu fascínio, mesmo que elas não tenham condições para recebê-las, alojá-las, dar-lhes trabalho e estudo completo, etc... (Moschini, 1972). Em consequência, com o correr do tempo, surgem aglomerados irregulares, que tendem a se transformar em habitações sub-humanas, que se proliferam em todos os centros urbanos.

Assim, poder-se-ia supor por um lado que a baixa remuneração, instrução e qualificação profissional estão levando essas populações rurais a viver em condições precárias, o que pode contribuir para o êxodo e para o aumento das populações faveladas no país; por outro lado, a infra-estrutura das cidades teria alguns elementos especialmente motivadores, os quais contribuem para atrair o camponês para os centros maiores.

2.3 - Aspirações

Independente de sua origem geográfica, caberia questionar: quais seriam as aspirações dos favelados?

Em geral, supõe-se que estas pessoas aspiram a uma situação de vida melhor, tanto para eles, como para seus descendentes. Sugerem Queiroz (1978) e Scarfon (1979), por exemplo, que os chefes de família favelados almejam um trabalho melhor e fixo para atender às necessidades da família, no que se refere à alimentação e à moradia.

Estudos realizados por Weber (1976) e Scarfon (1979) referem que pais com baixa renda, apesar de aspirarem para seus filhos as profissões de médico, engenheiro, professor, etc..., prevendo o insucesso desse desejo, contentam-se em que, pelo menos, eles sejam mecânicos, balconistas, auxiliares de escritório, etc..., desde que a situação econômica dos filhos se modifique.

Na pesquisa realizada por Ferraz et alii (1975), sobre o "Perfil sócio-econômico das populações urbanas de baixas rendas", no Rio Grande do Sul, o grau de aspiração do pai para o filho foi obtido através de duas variáveis: a primeira, o "nível educacional desejado" e a segunda, "nível educacional julgado alcançável", onde foram obtidas as seguintes respostas: quanto ao nível educacional desejado, a maior parte dos respondentes optaram pelo curso superior para o seu filho de ambos os sexos, entretanto, quanto ao nível educacional efetivamente alcançável, houve diminuição na opção pelo curso superior para ambos os sexos.

Em síntese, pelo que se depreende da literatura consultada, o problema do homem marginalizado em termos de sua origem, causas de favelização e aspirações, ainda não é claro. Poderia indagar-se por exemplo se a origem, causas e aspirações são as mesmas em qualquer comunidade favelada? Ou, não poderiam ser diferentes em vilas periféricas menos industrializadas?

A partir do referencial exposto e desejando contribuir ao conhecimento mais específico destes aspectos numa comunidade periférica relativamente nova e com algum tipo de experiência em programas de remoção, é que se planejou o presente estudo para ser realizado numa população favelada de Santa Catarina.

2.4 - Indagações de Pesquisa

Para melhor conhecer a origem, causa de favelização e aspirações de uma população marginalizada, estruturaram-se as seguintes indagações, que norteiam o presente estudo:

1 - Quais são as características do chefe de família favelado, em termos pessoais, sócio-econômicos e de origem geográfica?

2 - Quais são as causas de ordem econômica, familiar, habitacional, saúde, fundiária, social e de infra-estrutura, que levaram o chefe de família a favelar-se?

3 - Qual é a situação atual, no que se refere à habitação do chefe de família, em comparação com o lugar de nascimento (migrante) ou em relação ao local de onde ele procede (não-migrante)?

4 - Quais são as aspirações educacionais e ocupacionais do chefe de família?

5 - Quais são as aspirações educacionais (ideais e reais) e ocupacionais do chefe de família para com seu filho?

6 - Que fatores de ordem pessoal, sócio-econômica e de origem geográfica influem significativamente nas aspirações educacionais (ideais e reais) do chefe de família para com seu filho?

C A P Í T U L O I I I

M E T O D O L O G I A

O presente capítulo compõe-se dos seguintes tópicos: descrição e operacionalização das variáveis que compõem o presente trabalho; justificativa e caracterização do contexto de estudo e da população-alvo; apresentação discriminando o tipo, a estrutura, a elaboração e testagem do instrumento utilizado para a coleta de dados; coleta e análise de dados referentes à população estudada; limitações do estudo e de sua relevância para futuras pesquisas.

3.1 - Grupo de variáveis do estudo

As características dos chefes de família foram obtidas em termos pessoais: idade, sexo, origem étnica, religião, estado civil, tempo de residência na vila, número de filhos vivos e filhos vivos morando com os pais.

A situação sócio-econômica do chefe de família foi obtida em termos de: características da moradia, ocupação atual e anterior, situação de desemprego e escolaridade.

A origem geográfica do chefe de família, que indica a situação de migração e de permanência dele no lugar de destino, foi obtida em termos de: lugar de nascimento, origem rural/urbana, idade que saiu do lugar de nascimento, motivo para sair do lugar de nascimento, trânsitos migratórios, motivo da ida para a vila, situação atual na vila, indagação sobre se gostaria de ficar na vila, motivo para ficar na vila, motivo para sair da vila e indagação sobre onde gostaria de ir morar.

As aspirações ocupacionais e educacionais do chefe de família foram determinadas respectivamente pelo tipo de trabalho e nível de educação que gostariam de ter.

As aspirações ocupacionais e educacionais de tipo ideal e real do chefe de família para com seu filho, foram determinadas da seguinte maneira: foram consideradas aspirações ideais, aquele tipo de ocupação e educação livremente desejadas para com um filho; e aspirações reais, aquelas expressas após uma reflexão de "sua situação atual".

O Quadro 1 apresenta as variáveis que compuseram o estudo e sua definição operacional.

Q U A D R O 1

Definição Operacional de Variáveis

NOME DA VARIÁVEL	DEFINIÇÃO OPERACIONAL
1 - CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO CHEFE DE FAMÍLIA	
1.1 - Idade	Idade atual, em número de anos, completos, declarados no ato da entrevista.
1.2 - Sexo	(1) masculino; (2) feminino
1.3 - Origem étnica	(1) brasileira; (2) alemã; (3) italiana; (4) outra
1.4 - Pratica alguma religião	(1) sim; (2) não
1.5 - Religião	(1) católica; (2) protestante; (3) crente; (4) umbanda; (5) outra
1.6 - Estado Civil	(1) solteiro(a); (2) casado(a); (3) viúvo(a); (4) junto(a)/ama siado(a); (5) outra
1.7 - Tempo de residência na vila	Número de meses morando na vila
1.8 - Número de filhos vivos	Número total de filhos
1.9 - Filhos morando com os pais	Número de filhos

NOME DA VARIÁVEL	DEFINIÇÃO OPERACIONAL
2 - SITUAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA DO CHEFE DE FAMÍLIA	
2.1 - Características da moradia	
2.1.1 - Situação do terreno	(1) cedido; (2) alugado; (3) próprio.
2.1.2 - Situação da casa	(1) cedida; (2) alugada; (3) própria.
2.1.3 - Paredes	(1) palha ou resto de material; (2) madeira trabalhada; (3) tijolos.
2.1.4 - Piso	(1) chão batido; (2) tijolos; cimento ou assoalho cru ; (3) assoalho lustrado.
2.1.5 - Cobertura	(1) palha ou resto de material; (2) telha sem forro ou zinco; (3) telha com forro.
2.1.6 - Abastecimento de água	(1) ausência de água; (2) torneira coletiva; poço ou fonte fora de casa; (3) água encanada, poço ou fon te dentro do terreno.
2.1.7 - Iluminação	(1) vela, candeeiro, lamparina; (2) lampião a gás; (3) luz elétrica.

NOME DA VARIÁVEL	DEFINIÇÃO OPERACIONAL
2.1.8 - Instrumento para cozinhar	(1) fogão de chão; (2) fogão de chapa; (3) fogão econômico (à lenha) ou à gás.
2.1.9 - Instalações Sanitárias	(1) ausência de instalação; (2) fossa, latrina, casinha; (3) vaso sanitário, com ou sem descarga.
2.1.10 - Disponibilidade de Transporte	(1) não possui meio de transporte; (2) possui cavalo, carroça, charrete; (3) possui veículo motorizado.
2.1.11 - Utensílios Domésticos	(1) ausência de aparelhos; (2) há um ou dois aparelhos; (3) há mais de dois aparelhos.
2.1.12 - Número de pessoas na casa	Obtido através do número de pessoas que moram efetivamente na casa.
2.1.13 - Peças	Número de peças ou cômodos de que é formada a habitação.
2.2 - Ocupação atual	Ocupação exercida pelo chefe de família na época da entrevista, caracterizada no anexo 3.
2.3 - Ocupação anterior	Ocupação exercida pelo chefe de família, no lugar de nascimento, caracterizada no anexo 3.

NOME DA VARIÁVEL	DEFINIÇÃO OPERACIONAL
2.4 - Escolaridade	Anos de estudo declarados <u>pe</u> lo(a) entrevistado(a). <u>Variã</u> vel contínua, com valores de 00-18.
2.5 - Situação de Desemprego	
2.5.1 - Meios utiliza <u>dos para man</u> ter-se <u>sem</u> emprego	(1) previdência social; (2) ajuda da comunidade; (3) ajuda familiar; (4) biscates; (5) poupança.
2.5.2 - Último trabalho	Classificada em 09 categorias, segundo anexo 3.
2.5.3 - Motivo para deixar o <u>últi</u> mo trabalho	Agrupado em 8 categorias, caracterizadas no anexo 4.
2.5.4 - Tempo sem emprego	Obtido através do número de meses em que estava <u>desempregado</u> .
3 - ORIGEM GEOGRÁFICA DO CHEFE DE FAMÍLIA	
3.1 - Lugar de nascimento	Agrupado em 13 microrregiões do Estado de S.C., de acordo com o IBGE, 1970, caracterizadas no anexo 5 e 5.1.
3.2 - Origem rural/urbana	(1) zona rural; (2) zona sub-urbana; (3) zona urbana.

NOME DA VARIÁVEL	DEFINIÇÃO OPERACIONAL
3.3 - Idade com que saiu do lugar de nascimento	Idade manifestada pelo <u>entrevistado</u> .
3.4 - Motivo para sair do lugar de origem	Classificada em 08 categorias, segundo anexo 4.
3.5 - Motivo da ida para a vila	Classificada em 08 categorias, segundo anexo 4.
3.6 - Trânsitos Migrat6rios	Número de estágios realizados pelo(a) entrevistado(a), antes de ir para a vila.
3.7 - Gostaria de ficar na vila	Variável classificada em: (1) sim; (2) não.
3.8 - Motivo para ficar na vila	Classificada em 08 categorias, segundo anexo 4.
3.9 - Motivo para sair da vila	Classificada em 08 categorias, segundo anexo 4.
3.10 - Onde gostaria de ir morar	Classificada em 14 categorias, segundo anexo 5.
4 - SUGEST6ES DE MELHORIA PARA A VILA	Pergunta aberta operacionalizada nas seguintes categorias: (1) infra-estrutura; (2) aspecto legal da moradia; (3) melhorar o ambiente.
5 - ASPIRAÇÃO OCUPACIONAL DO CHEFE DE FAMÍLIA	Classificada em 09 categorias, segundo anexo 3.

NOME DA VARIÁVEL	DEFINIÇÃO OPERACIONAL
6 - ASPIRAÇÃO EDUCACIONAL DO CHEFE DE FAMÍLIA	Anos de estudo desejados por este, onde: (1) primário <u>in</u> completo; (2) primário <u>com</u> pleto; (3) ginásio <u>incomple</u> to; (4) ginásio completo; (5) 2º Grau completo; (6) 3º Grau completo.
7 - ASPIRAÇÃO OCUPACIONAL DO CHEFE DE FAMÍLIA PARA SEU FILHO	Categorizadas de acordo com o anexo 3.
8 - ASPIRAÇÃO EDUCACIONAL IDEAL DO CHEFE DE FAMÍLIA PARA SEU FILHO	Anos de estudo desejados pelo chefe de família para um filho, onde: (1) primário <u>in</u> completo; (2) primário <u>com</u> pleto; (3) ginásio <u>incomple</u> to; (4) ginásio completo; (5) 2º Grau completo; (6) 3º Grau completo.
9 - ASPIRAÇÃO EDUCACIONAL REAL DO CHEFE DE FAMÍLIA PARA SEU FILHO	Anos de estudo julgados alcançáveis pelo chefe de família para um filho, onde: (1) <u>pri</u> mário incompleto; (2) <u>primá</u> rio completo; (3) ginásio <u>in</u> completo; (4) ginásio <u>comple</u> to; (5) 2º Grau completo; (6) 3º Grau completo.

3.2 - Contexto do estudo

Geralmente, as favelas são características dos grandes centros industrializados existentes no país. O surgimento delas, numa cidade onde predomina o setor terciário, no caso Florianópolis, foi um dos motivos que determinou a escolha deste contexto, com vistas a conhecer que tipo de população compõe as vilas marginais ali inseridas.

Outro aspecto a ser considerado, refere-se à inexistência de pesquisas de iniciativa da Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (UDESC), sobre populações periféricas. Assim, a realização de estudo desta natureza, além de proporcionar um conhecimento melhor das favelas, oportuniza a integração Universidade/Comunidade.

Para responder as indagações de pesquisa, aqui formuladas, foi escolhida intencionalmente a Vila do Pasto do Gado, situada no Bairro de Capoeiras, distante 8 Km aproximadamente do centro da cidade.

De acordo com as informações dos líderes da referida vila, as famílias faveladas moraram a 1 Km do local atual, sendo que, no segundo semestre de 1977, foram removidas, aproximadamente, 107 famílias do local anterior, para que fosse construído um estádio estadual de futebol. Segundo estes líderes, a remoção foi organizada por Assistentes Sociais da Fundação Catarinense de Desenvolvimento de Comunidade (FUCADESC), que realizaram o cadastramento das famílias. Na oportunidade, conscientizaram aquela população sobre a vantagem de ganhar casas de madeira, com 12 m² cada uma, construídas em terreno cedido pelo Governo. O quadro a seguir permite tomar conhecimento da situação da vila, no que diz respeito à sua infra-estrutura social no período em que se realizou o presente estudo: 06/11 a 30/11 de 1981.

QUADRO 2

Infra-estrutura social na Vila do Pasto do Gado. 1981.

COMPONENTES DA INFRA-ESTRUTURA	INFRA-ESTRUTURA NA VILA	
	POSSUI	NÃO POSSUI
Escola		X
Centro Comunitário		X
Viatura de Polícia	X	
Energia Pública		X
Energia Domiciliar	X	
Telefone Público		X
Linha de Ônibus	X	
Rede d'Água	X	
Calçamento		X
Coleta de Lixo		X

3.3 - A população-alvo

É constituída a população em estudo, de 168 chefes de família, residentes na Vila do Pasto do Gado. A escolha intencional desta população deveu-se ao fato de ser uma das vilas mais novas que surgia na parte continental de Florianópolis, que recentemente sofreu os efeitos de um programa estadual de remoção.

A intencionalidade da escolha da população, ficou enriquecida ao confirmar na primeira sondagem da existência de chefes de família migrantes e não-migrantes, o que, permitiu conhecer melhor essa população favelada nas dimensões de sua origem, causas e aspirações. Assim a população foi dividida em dois grupos: migrantes e não-migrantes. Tal condição era detectada no contato inicial com o entrevistado, antes de iniciar-se a entrevista propriamente dita.

3.4 - Instrumento

Considerando-se a presença de migrantes e de não-migrantes na população em estudo, decidiu-se trabalhar com dois instrumentos de coleta de dados.

O instrumento utilizado foi uma modalidade de roteiro de entrevista constituída de 102 itens, para os chefes de família migrantes (anexo 1), e de 80 itens, para os não-migrantes (anexo 2).

Pretendendo respeitar ao máximo a cultura da população em estudo, o roteiro para ambos os grupos, foi estruturado de tal forma que permitisse a comunicação informal e a flexibilidade da entrevista. O "roteiro" indicava o tipo de informação relevante para o estudo, a ser registrada, e que podia ser coletada em qualquer momento da conversa informal.

O tipo de informação a ser coletada nos instrumentos, por razões de controle, estruturou-se nos seguintes blocos:

1. Características do chefe de família (dados pessoais do entrevistado);
2. Origem geográfica do chefe de família (tópico das informações gerais sobre o entrevistado);
3. Situação sócio-econômica do chefe de família (tópico das informações gerais sobre o entrevistado);
4. Sugestões do chefe de família sobre algumas melhorias para a vila;
5. Aspiração ocupacional e educacional do chefe de família e
6. Aspirações educacionais (ideais e reais) e ocupacionais do chefe de família para com seu filho.

3.4.1 - Elaboração e Testagem do Instrumento

A elaboração do instrumento envolveu 4 (quatro) etapas.

Na primeira, identificaram-se as variáveis e respectivos indicadores, através de consulta a literatura, instrumentos já utilizados em pesquisas afins e a pesquisadores com experiência em população de periferia urbana.

A seguir, as variáveis e seus indicadores foram analisados por especialistas em Educação e em Ciências Sociais.

A terceira fase constituiu-se na montagem do instrumento e na apreciação da validade de seu conteúdo. Esta validação foi feita por técnicos da Faculdade de Saúde Pública de Porto Alegre, atuantes em áreas de populações marginalizadas.

Finalmente, estando com as sugestões dos especialistas e do relator da proposta de dissertação, foi realizado um estudo-piloto com 15 chefes de família, residentes na Vila Cruzeiro do Sul, no município de Porto Alegre/RS, onde se procurou testar a agilidade do roteiro, sua extensão e a adequação das perguntas com relação ao estudo proposto e a população a ser aplicado.

3.5 - Coleta de Dados

A coleta de informações foi executada pelo pesquisador e por auxiliares de pesquisa, recrutados junto aos cursos de graduação em Pedagogia e Estudos Sociais da Faculdade de Educação da Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina e de Sociologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Os auxiliares receberam um treinamento especial de 40 horas. Inicialmente, foram colocados a par da pesquisa, em termos gerais: seus objetivos, justificativa e a comunidade escolhida. Num segundo momento, tomaram conhecimento da vila, características da população e do surgimento da vila e receberam noções de técnica de entrevista.

Em continuidade, foi dado início à análise

detalhada do instrumento de coleta de dados, por meio de discussão de cada um dos seus itens.

Em um dado momento, quando se supôs que os auxiliares de pesquisa houvessem assimilado as informações, tanto da pesquisa como do instrumento, iniciaram-se as entrevistas simuladas que, gravadas e revistas pelo grupo, auxiliaram no sentido de corrigir eventuais desvios.

Finalmente, foram os auxiliares de pesquisa também orientados quanto à sua apresentação pessoal, à forma de conduzir a entrevista e de registrar as respostas.

3.6 - Análise e Processamento dos Dados

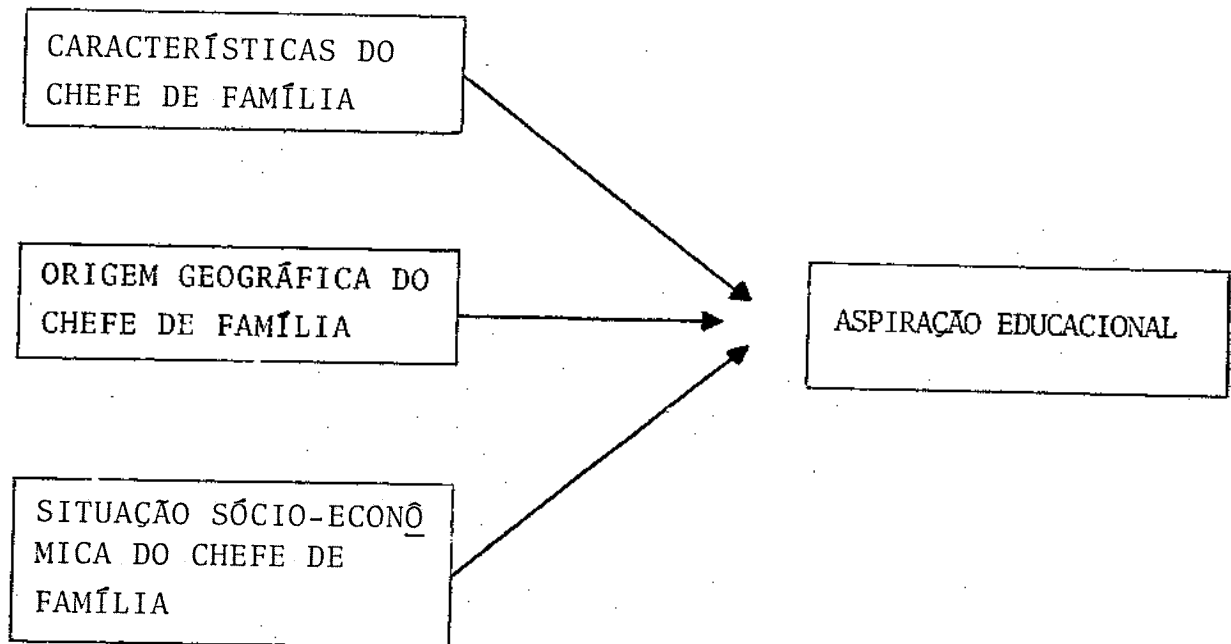
O processamento e análise dos dados foi feito no Centro de Processamento de Dados (CPD) da UFRGS, através do programa SPSS (Statística Package for the Social Sciences).

Neste estudo, foi usada, num primeiro momento, para responder às indagações de pesquisa números 1, 2, 3, 4 e 5 uma estatística descritiva, através do exame das médias e da distribuição de frequência dos dados coletados.

Com o propósito de detectar a existência de diferença significativa entre a aspiração educacional ideal e a real dos chefes de família com filho na escola e sem filho na escola e de medir-se a significância estatística dos desvios ou diferenças entre as frequências observadas e esperadas (Markus, 1977) (indagação nº 5), foi utilizado o teste qui-quadrado.

Posteriormente, para responder a indagação de pesquisa número 6, foi utilizada a técnica Análise de Regressão Múltipla, com o objetivo de predizer qual ou quais dos fatores de ordem pessoal, sócio-econômica e de origem geográfica podem estar influenciando sobre suas aspirações ideais e reais, em relação ao filho.

As variáveis, que compõem a indagação de pesquisa número 6, sugerem um modelo analítico, como o que segue :



Este modelo pode ser, matematicamente, expresso da seguinte maneira:

$$A_e = f(X_1 \text{----} X_n, Y_1 \text{----} Y_n, Z_1 \text{----} Z_n) \text{ onde,}$$

A_e = aspiração educacional (ideal e real).

$X_1 \text{----} X_n$ = variáveis componentes das características do chefe de família.

$Y_1 \text{----} Y_n$ = variáveis componentes da situação sócio-econômica do chefe de família.

$Z_1 \text{----} Z_n$ = variáveis componentes da origem geográfica do chefe de família.

Este grupo de variáveis do estudo passou por testes de Análise Fatorial e de Correlação de Pearson, com o objetivo de reduzir as variáveis e trabalhar apenas com as consideradas fundamentais (Markus, 1977), para a predição da indagação de pesquisa número 6.

Após a realização dos testes estatísticos, detectaram-se 15 variáveis independentes que compõem as equações do chefe de família com filho na escola e 12, do chefe de família sem filho na escola.

Para explicar o efeito que a variação das variáveis independentes causa sobre a aspiração educacional (ideal e real) do chefe de família para seu filho, foi usado o programa de regressão múltipla, "stepwise". Este introduz na equação, primeiramente, aquela variável independente que mais explica a variação na variável dependente, e depois, em ordem de importância e sucessivamente, as variáveis que, em combinação com a anterior ou anteriores, explicam qual a maior percentagem de variância total da variável dependente.

3.7 - Limitações do Estudo

Como qualquer atividade de pesquisa, este apresenta algumas limitações. No caso presente, elas podem ser notadas em 3 (três) ângulos: a) inerentes ao estudo; b) ligadas ao tipo de instrumento; c) na informação da aspiração educacional.

No que se refere ao estudo, ele está limitado à população favelada do Pasto do Gado.

Quanto às limitações decorrentes do tipo de instrumento, pode-se supor que a flexibilidade em coletar a informação tenha permitido alguma subjetividade, embora se procurasse manter a imparcialidade no registro das respostas.

Outra limitação pode estar ligada a informação colhida sobre a aspiração educacional para o(a) filho(a), a qual foi manifestada somente pelo chefe de família, pois, no presente estudo, não foi previsto entrevistar o filho sobre este aspecto.

Apesar das limitações mencionadas e levando-se em conta o caráter exploratório do estudo, pode-se concluir que os objetivos do mesmo foram alcançados.

3.8 - Relevância do Estudo

Os objetivos e conclusões do estudo estão concordes com algumas estratégias preconizadas pelo III Plano Setorial de Educação, Cultura e Desporto (1980-1985, p.30-1), tais como: a) adequação dos serviços educacionais à realidade sócio-cultural; b) criatividade e flexibilidade no enfoque e na condução de currículos, bem como na organização do sistema.

Acredita-se que o presente estudo possa contribuir com alguns insumos básicos para abordagem educacional destas comunidades, haja vista que a meta prioritária do Governo Catarinense é buscar estratégias de educação mais próximas à realidade das comunidades de periferia urbana.

C A P Í T U L O I V

DESCRIÇÃO DA POPULAÇÃO ESTUDADA

Trata este capítulo da descrição da população pesquisada, em termos de características pessoais, origem geográfica e situação sócio-econômica do chefe de família migrante e não-migrante.

4.1 - Características pessoais dos chefes de família

No que concerne a este aspecto, a informação coletada foi relativa a: idade, sexo, origem étnica, religião, estado civil, tempo de residência na vila, número de filhos vivos e número de filhos morando com os pais.

Quanto à idade, constatou-se uma média em torno de 37 anos, com limites de 16 e 71 anos. Os dados revelam que a população estudada é jovem, constituindo-se num potencial para o mercado de trabalho.

No que se refere ao sexo, verificou-se que 73% dos chefes de família pertencem ao sexo masculino e 27%, ao feminino. Mais de um quarto dos núcleos familiares que compõem a vila é liderada pelo sexo feminino o que poderia ser um fato importante na cultura destes grupos periféricos.

Com relação à sua origem étnica, encontrou-se que 88% se identificou como brasileiros natos, enquanto 12% apresentam outras origens étnicas.

46% são casados, 32% vivem juntos/amasiados, enquanto 22% vivem sós, na condição de viúvos, separados e solteiros.

No que concerne à religião, verificou-se que 74% praticam alguma religião e 26% declararam pertencer a nenhuma. No grupo dos praticantes, encontrou-se que 86% são católicos e, dos não-católicos, os maiores percentuais distribuem-se em crentes, com (7%) e umbandistas, com (6%). O predomínio da religião católica, também nas áreas marginais, parece ser uma constante na realidade brasileira. Perlmann (1977), por exemplo, encontrou no Rio de Janeiro, 72% de adeptos desta religião, 10%, da Assembléia de Deus, 5%, da Batista.

Situou-se a média de tempo de residência na vila em 5 anos, com limites de 1 a 17 anos.

TABELA 1

Número e percentual do tempo de residência dos chefes de família na vila (N=168).

Nº ANOS	N	%
Menos de 2	34	20
2 ----- 4	47	28
5 ----- 7	50	30
8 ----- 10	26	16
+ de 10	11	6
TOTAL	168	100

A distribuição dos dados da Tabela 1 permite inferir que o processo migratório em direção à vila parece ter sido intensificado recentemente, haja vista que é de 5 anos a média de residência na vila e que 78% dos chefes de família lá residem, no máximo, até 7 anos e, apenas, 6% deles habitam o local, num período superior a 10 anos. Este processo de migração parece ser contínuo, uma vez que 20% dos entrevistados ali residem dentro de um período menor a 2 anos.

Quanto ao número de filhos, 82% (N=150) da população manifestou ter entre 1 e 6 filhos vivos, para uma média de 5. A média dos filhos que moram com os pais ficou em 4. A Tabela 2, mostra a distribuição destes chefes de família em relação ao número de filhos vivos e filhos que moram com eles.

TABELA 2

Número e percentual dos chefes de família, que declararam ter filhos vivos e filhos morando com eles (N=150).

NÚMERO DE FILHOS	PAIS COM FILHOS VIVOS		PAIS COM FILHOS MORANDO C/ELES	
	N	%	N	%
1 ————— 2	35	23	52	35
3 ————— 4	48	32	55	37
5 ————— 6	41	27	32	21
7 e mais	26	18	11	7
TOTAL	150	100	150	100

Na distribuição da Tabela 2, observa-se que quase um quarto da população tem família pequena (1 a 2 filhos) e que mais da metade (59%) tem entre 3 a 6 filhos. No que se refere a filhos morando com os pais, a faixa de 1 a 2 filhos eleva-se a 35%; a de 3 a 6 manteve-se quase no mesmo percentual, diminuindo

sugerir duas características das populações periféricas: a) elevado número de filhos e b) os filhos vivem na dependência dos pais, ou trabalham, contribuindo para aumentar a renda familiar. Aliás este foi um fato que o presente estudo pode aprofundar, já que envolve a possível clientela da educação formal ou não-formal.

4.2 - Origem geográfica dos chefes de família

Com relação à sua procedência, encontrou -se que 83% dos chefes de família são migrantes e 17% nascidos em Florianópolis. Os dados confirmam outras investigações que atestam a predominância de migrantes na composição das populações faveladas (Paoli, 1974; Ferraz et alii, 1975; Perlmann, 1977).

Para obter informações sobre a origem geográfica dos chefes de família, os entrevistados foram questionados sobre: lugar de nascimento, origem (rural/urbana), idade de saída do lugar de origem, motivo para sair do lugar de origem, trânsitos migratórios que efetivou, motivo da ida para a vila, motivo para sair ou ficar na vila e local para onde gostaria de ir morar, se saísse da vila.

Com relação à origem (rural/urbana), encontrou-se que 59% nasceu em zona rural, 30% em zona urbana e 11% em zona sub-urbana. Estes dados confirmam outras pesquisas como as de Scarfon (1979), por exemplo, que encontrou em Piracicaba, 72% dos chefes de família provenientes de zona rural e 28%, de zona urbana. Vervier (1980), em pesquisa realizada junto a populações pobres de Bauru, verificou que 53% eram de zona rural e 47%, de zona urbana. Silva (1980), em estudo realizado junto a população marginal da Vila Cruzeiro do Sul em Porto Alegre, encontrou que 41% eram de zona rural, 24% oriundos da capital e 35% da sede do município.

Foram os chefes de família não oriundos de Florianópolis questionados sobre qual a sua procedência, com o objetivo de conhecer que microrregiões* do Estado estariam gerando mais migração para esta Vila, obtendo-se os seguintes resultados (Tabela 3).

* os municípios de origem dos chefes de família foram agrupados em microrregiões, obedecendo à divisão elaborada em Santa Catarina, através da Fundação IBGE, 1970 (anexos 5 e 5.1).

TABELA 3

Microrregiões de origem dos chefes de família migrantes (N=140).

MICRORREGIÕES	N	%
Microrregião 297	35	25
Microrregião 303	34	24
Microrregião 300	25	18
Microrregião 299	14	10
Outras microrregiões (292, 293, 294, 296, 298, 301, 304, 305, 306)	26	19
Fora do Estado	6	4
T O T A L	140	100

Constatou-se que 25% dos chefes de família nasceram em uma microrregião de agricultura de subsistência, 24% em microrregião latifundiária de agropecuária, 18%, em microrregião de mineração, 10%, em microrregião de pesca, 19%, em outras microrregiões e 4%, fora do Estado. Os dados parecem confirmar resultados já obtidos por Melo (1978) e Ferrarini (1979) que atestam serem os migrantes procedentes na maioria das vezes, de áreas de agricultura de subsistência e de lugares onde coexistem os minifúndios e latifúndios.

Com relação à idade em que o chefe de família saiu do lugar de origem, a Tabela 4 mostra que 51% dessa população deixou seu lugar de origem num período etário igual ou inferior a 15 anos e 38% deixaram o lugar de origem num período etário compreendido entre 16 a 31 anos, constituindo-se em parcela considerável de mão-de-obra potencial que abandona o meio rural.

TABELA 4

Idade do chefe de família migrante
ao sair do lugar de origem (N=140).

IDADE	N	%
Menos de 8	27	19
8 ————— 15	43	31
16 ————— 23	34	24
24 ————— 31	18	13
32 e mais	18	13
T O T A L	140	100

Os dados da Tabela 4 sugerem que tanto se evade do interior uma futura mão-de-obra, como uma mão-de-obra já economicamente ativa. Isto deixa evidente que a sociedade rural, em bora tenha assumido, ainda que precariamente, os encargos referentes à criação, instrução e preparo de mão-de-obra, a cidade a re_{ce}be, sem ter investido nada e, além disso, usufrui dos serviços desta população, a preço baixo.

Ao migrar, esta população, no que diz res_{peito} aos trânsitos migratórios, a média dos estágios percorridos pelos chefes de família migrantes foi de 1, sendo que os limites encontrados foram 0 a 10 trânsitos (Tabela 5).

TABELA 5

Número de trânsitos migratórios realizados pelos chefes de família migrantes, até fixarem residência na vila (N=140).

TRÂNSITOS MIGRATÓRIOS	N	%
Trânsito direto	60	43
1 trânsito	44	32
2 trânsitos	9	6
3 trânsitos	12	9
4 trânsitos	6	4
mais de 4 trânsitos	9	6
T O T A L	140	100

Os dados da Tabela 5 sugerem que há predominância de estágios diretos e de até 1 estágio, como etapas utilizadas pelos migrantes para chegarem à cidade destino, o que confirma os dados encontrados em outras pesquisas (Ferraz et alii (1975); Perlmann (1977) e Scarfon (1979)).

O fato de que 43% fizeram trânsito direto, deixa supor que grande parte dos chefes de família migrantes abandona o lugar de origem já com uma prévia noção do lugar de destino.

As considerações feitas conduzem às seguintes reflexões: Será que essas populações já saem com informação sobre o local de destino? ou há alguma influência de parentes ou amigos no seu direcionamento? ou haveria alguma relação com os fatores chamados de repulsão e atração? ou seriam motivos de ordem social e educacional que estariam estimulando o êxodo rural?

Ao explorar estes possíveis motivos* que teriam levado os chefes de família a sair do lugar de origem (Tabela 6),

* os motivos foram agrupados em 8 categorias, de acordo com a afinidade dos mesmos, anexo 4.

encontrou-se que o "motivo econômico" e o "familiar" são os grandes responsáveis pela saída dos chefes de família do lugar de origem; no entanto, constatou-se que os principais fatores para irem a vila passam a ser o "habitacional", ficando em segundo o "econômico". Percebe-se assim que a moradia, no lugar de origem, não constituía problema para essa população, enquanto, ao que parece, no lugar de destino, seus poucos recursos não lhes permitem alugar ou adquirir moradia própria nas proximidades dos grandes centros urbanos, constituindo-se no maior motivo de sua favelização.

TABELA 6

Motivos dos chefes de família para: (a) abandonar o lugar de origem e (b) ir para a vila (N=168).

MOTIVOS	abandonar o lugar de origem		ir para a vila	
	N	%	N	%
Econômico	72	43	39	23
Familiar	39	23	19	11
Habitacional	7	4	74	44
Saúde	16	10	7	4
Fundiário	11	7	4	3
Social	11	6	14	8
Infra-estrutura	-	-	6	4
Outros	12	7	5	3
T O T A L	168	100	168	100

Com o objetivo de conhecer quanto a se gostariam ou não de ficar na vila, encontrou-se que a maioria (68%) optaria por permanecer na vila.

Desejando conhecer quais os motivos que os levaram a optar por permanecer na vila (Tabela 7), verificou-se

que o "motivo econômico" é determinante nesta decisão, o que parece evidenciar que, para estas populações, morar na favela significa ficar próximo ao mercado de trabalho. Considerando que o segundo motivo para permanecer na vila, é o "habitacional", poderia supor-se que, em face da instabilidade ocupacional dos chefes de família, o barraco conseguido através da Prefeitura, possa a constituir-se em um bem durável importante, não só porque resolve o problema de moradia e de orçamento, como por sua localização próxima ao centro urbano. Em parte, o "motivo social" parece influir nesta decisão, porque o convívio comunitário que ali se estabelece, parece propiciar uma ajuda econômica, que se manifesta através de favores recíprocos.

TABELA 7

Motivos dos chefes de família para permanecerem na vila (N=114).

MOTIVOS	N	%
Econômico	44	39
Familiar	2	2
Habitacional	24	21
Saúde	2	2
Social	20	17
Infra-estrutura	15	13
Outros	7	6
T O T A L	114	100

Estudando os motivos (Tabela 8) dos poucos chefes de família que manifestaram o desejo de abandonar a vila (32%), detectou-se que:

- grande parte deles apontaram o "motivo social". Estes entrevistados, ao contrário dos que optam em permanecer na vila, parecem demonstrar preocupação quanto a como criar família em face do "ambiente da favela" e, inclusive, "envergonham-se de serem favelados";

considerável número de chefes de família apontam, também, os motivos "habitacional" (22%) e de "infra-estrutura" (22%), para saírem da vila, o que pode estar evidenciando que estes chefes de família desejam melhores condições de vida, em termos de habitação e urbanização.

TABELA 8

Motivos para os chefes de família abandonar a vila (N=54).

MOTIVOS	N	%
Econômico	5	9
Familiar	2	4
Habitacional	12	22
Saúde	1	2
Social	21	39
Infra-estrutura	12	22
Outros	1	2
T O T A L	54	100

Com o objetivo de saber, destes chefes de família, qual o lugar em que gostariam de ir morar, questionou-se a respeito, encontrando-se que 82% desejariam morar em cidades vizinhas à Florianópolis, e destes, 87% pretendiam em zonas urbanas dessas localidades.

4.3 - Situação sócio-econômica dos chefes de família

Para o conhecimento da situação sócio-econômica dos chefes de família migrantes e não-migrantes, foram coletadas informações referentes a: características da moradia, escolaridade, ocupação e situação de emprego. Para determinar as condições habitacionais dos chefes de família migrantes, tanto na

vila como no lugar de origem, coletaram-se informações referentes a posse, uso e características da moradia, instrumentos e utensílios domésticos. A seguir, serão apresentados os quadros comparativos desta população.

QUADRO 3

Comparação percentual da situação de posse da moradia dos chefes de família migrantes, na vila e no lugar de origem (N=140).

SITUAÇÃO DE POSSE/PROPRIEDADE	NA VILA	LUGAR DE ORIGEM
Terreno		
. cedido	91%	41%
. alugado	3%	29%
. próprio	6%	30%
Casa		
. cedida	5%	17%
. alugada	5%	30%
. própria	90%	53%

De acordo com a distribuição dos dados no Quadro 3, estes parecem refletir um aspecto típico da propriedade nas favelas: com relação ao terreno só 6% consideram-se donos, enquanto que 90% afirmam ser donos da casa em que moram. Comparando-se esta informação com a do lugar de origem, pode-se notar que em termos de posse da terra, 24% desta população piorou; enquanto que em termos de casa própria 37% parece ter melhorado.

Outro aspecto que chama atenção é o fato que quando esta vila foi removida em 1979, prometeu-se aos moradores terreno e casa própria, após um ano a promessa não havia sido cumprida, pelo menos no que tange ao terreno, já que 91% desta popula

QUADRO 4

Comparação percentual do número de pessoas e de peças da moradia na vila e no lugar de origem, dos chefes de família migrantes (N=140).

NÚMERO DE PESSOAS E PEÇAS	NA VILA	LUGAR DE ORIGEM
Número de pessoas		
1 ————— 4	37%	31%
5 ————— 8	51%	46%
9 e mais	12%	23%
Número de peças		
1	32%	14%
2	31%	19%
3	18%	20%
4	11%	21%
5	8%	26%

No Quadro 4, pode-se observar a condição habitacional da população, no que se refere as pessoas que habitam sob um mesmo telhado, número de peças e a comparação das situações entre a vila e lugar de origem. Quanto ao número de peças poderia dizer-se que pelo menos para 63% sua casa reduziu a 1 ou 2 peças, enquanto que no lugar de origem, 67% desta mesma população tinham casas mais amplas, de 3 a 5 peças. No entanto esta redução do espaço habitacional e a proporção de chefes com famílias numerosas, praticamente não diminuiu ao migrar para a cidade grande (63% na vila e 69% no lugar de origem, de chefes com mais de 4 membros na família), o que faz-se supor condições de vida menos favoráveis na vila que em seu lugar de origem.

No que diz respeito a parte física da moradia (paredes, piso e cobertura) do grupo familiar dos migrantes, o Quadro 5 apresenta o seguinte: 82% destas famílias estão morando

em casas com paredes de palha ou resto de material, portanto 23% a mais desta população migrante que está vivendo em condições piores em relação ao lugar de origem. Pode-se notar que 1% têm paredes de tijolos, 11% a menos que em seu lugar de origem.

Em termos de piso e cobertura parece não haver diferenças acentuadas, que sugiram uma melhoria nas condições habitacionais na vila, a não ser 20% a mais de famílias que moram sob cobertura de telha sem forro ou zinco. No entanto, esta diferença é tomada pelos 14% das famílias que em seu lugar de origem moravam sob cobertura de melhor qualidade (telha com forro) e de 6% que moravam em piores condições (palha ou resto de material). Pelos dados, poderia supor-se que são estes últimos os que realmente apresentaram alguma melhoria habitacional com a migração.

Estes dados poderiam estar complementando a idéia a respeito ao tipo de casa que 90% destes chefes afirmam ser proprietários (Quadro 3).

QUADRO 5

Comparação percentual do tipo de parede, piso e cobertura da moradia na vila e no lugar de origem, dos chefes de família migrantes (N=140).

TIPO DE PAREDE, PISO E COBERTURA	NA VILA	LUGAR DE ORIGEM
Paredes		
. palha ou resto de material	82%	59%
. madeira trabalhada	17%	29%
. tijolos	1%	12%
Piso		
. chão batido	-	2%
. tijolos, cimento ou assoalho cru	75%	69%
. assoalho lustrado	25%	29%
Cobertura		
. palha ou resto de material	1%	7%
. telha sem forro ou zinco	88%	68%

QUADRO 6

Comparação percentual das condições de moradia na vila e no lugar de origem, dos chefes de família migrantes (N=140).

CONDIÇÕES DE MORADIA	NA VILA	LUGAR DE ORIGEM
Instalações Sanitárias		
. ausência de instalações	9%	19%
. fossa, latrina ou casinha	84%	67%
. vaso sanitário com ou sem descarga	7%	14%
Abastecimento d'água		
. ausência de água encanada	52%	65%
. água encanada, poço ou fonte na casa	48%	35%
Iluminação		
. vela, candeeiro, lamparina ou lampião a gás	11%	43%
. luz elétrica	89%	57%

No que diz respeito às condições de moradia (instalações sanitárias, água e luz) dos chefes de família migrantes, o Quadro 6 sugere que esta população não melhorou substancialmente suas condições de moradia em comparação com o seu lugar de origem, apesar de que a vila foi removida por um programa municipal.

As poucas melhorias observadas, podem ser atribuídas mais a iniciativa da própria população migrante do que ao programa municipal de reacentamento. Observa-se, por exemplo, que em termos percentuais, 10% a mais desta população migrante tem hoje algum tipo de instalação sanitária que em seu lugar de origem. Isto não quer dizer que estas pessoas sejam as mesmas (19%) que

declararam ter "ausência de instalações" no lugar de procedência.

A mesma observação pode ser feita para o abastecimento de água, na qual 13% a mais das famílias migrantes declarou ter algum tipo de fonte de água dentro de casa.

Se alguma melhoria pode ser atribuída a intervenção do governo municipal, é a relacionada com iluminação; 32% a mais das famílias migrantes parecem haver sido favorecidas com a introdução da luz elétrica na vila, quando comparados com o seu lugar de origem.

QUADRO 7

Comparação percentual da posse de instrumentos de cozinha e utensílios domésticos na vila e no lugar de origem, dos chefes de família migrantes (N=140).

INSTRUMENTOS E UTENSÍLIOS	NA VILA	LUGAR DE ORIGEM
Instrumento para cozinhar		
. fogão de chão	4%	10%
. fogão de chapa	4%	29%
. fogão econômico (ã lenha) ou a gás	92%	61%
Utensílios domésticos *		
. ausência de aparelhos	17%	51%
. há um ou dois aparelhos	59%	37%
. há mais de dois aparelhos	24%	12%

* neste estudo foram considerados como utensílios domésticos (rádio, máquina de costura e de lavar roupa, geladeira, liquidificador, televisão).

Em termos de cozinha e utensílios domésticos, como elementos sensíveis da cultura desta população, a situação dos migrantes parece haver mudado em comparação ao lugar de origem (Quadro 7). Pode-se observar que o tradicional fogão de chão ou de chapa tende a desaparecer na vila, sendo substituído pelo fogão econômico ou à gás da cultura urbana. Esta mesma influência pode ser observada nos utensílios domésticos que possui esta população; 34% a mais que no lugar de origem, declaram ter utensílios elétricos como rádio, geladeira, liquidificador ou televisor, entre outros. Este tipo de consumo urbano pode ser também confirmado a níveis de um, dois ou mais aparelhos deste tipo.

De acordo com outras informações obtidas destes chefes de família, 52% acreditam ter melhorado de vida em relação à sua situação no lugar de origem; 28% supõe que permaneceram na mesma condição e 20% afirmaram que sua situação piorou.

A constatação de que mais da metade dos chefes de família acreditam nessa melhoria de vida, poderia se inferir que o fato de estarem morando próximo à capital, talvez, propicie mais facilidade de acesso aos bens de primeira necessidade, como alimento, roupas, casa, móveis, médico, remédio, etc. Supõe-se que estes eram alcançados com maior dificuldade no lugar de origem, em face ao baixo padrão de vida ali experimentado.

Para determinar as condições habitacionais dos chefes de família não-migrantes, tanto na vila como na residência anterior, coletaram-se informações referentes a posse, uso e características da moradia, instrumentos e utensílios domésticos. A seguir, serão apresentados os quadros comparativos desta população.

QUADRO 8

Comparação percentual da situação de posse da moradia na vila e na residência anterior dos chefes de família não-migrantes (N = 28).

SITUAÇÃO DE POSSE/PROPRIEDADE	NA VILA	RESIDÊNCIA ANTERIOR
Terreno		
. cedido	96%	57%
. alugado	-	22%
. próprio	4%	21%
Casa		
. cedida	18%	14%
. alugada	4%	32%
. própria	78%	54%

No intuito de conhecer a situação de posse da moradia, os dados obtidos refletem um aspecto típico da propriedade nas favelas: com relação ao terreno só 4% consideram-se donos, enquanto que 78% afirmam ser donos da casa em que moram. Comparando-se esta informação com a residência anterior pode-se notar que em termos de posse da terra, 17% desta população, piorou, enquanto que em termos de casa própria 24% parecem ter melhorado.

QUADRO 9

Comparação percentual do número de pessoas e de peças da moradia na vila e na residência anterior, dos chefes de família não-migrantes (N=28).

NÚMERO DE PESSOAS E PEÇAS	NA VILA	RESIDÊNCIA ANTERIOR
Número de pessoas		
1 ————— 4	39%	32%
5 ————— 8	54%	54%
9 a mais	7%	14%
Número de peças		
1	29%	4%
2	36%	21%
3	29%	21%
4	3%	29%
5	3%	25%

No Quadro 9, pode-se observar a condição habitacional da população, no que se refere as pessoas que habitam sob um mesmo telhado, número de peças e a comparação das situações entre a vila e a residência anterior. Quanto ao número de peças poderia dizer-se que pelo menos para 65% sua casa reduziu a 1 ou 2 peças, enquanto que na residência anterior, 75% desta mesma população tinham casas mais amplas, de 3 a 5 peças. No entanto esta redução de espaço habitacional e a proporção dos chefes com famílias numerosas praticamente não diminuiu ao deixar o local anterior para ir morar na favela (61% na vila e 68% na residência anterior, de chefes com mais de 4 membros na família), o que faz-se supor condições de vida menos favoráveis na vila que no local onde residia anteriormente.

QUADRO 10

Comparação percentual do tipo de parede, piso e cobertura da moradia na vila e na residência anterior, dos chefes de família não-migrantes (N = 28).

TIPO DE PAREDE, PISO E COBERTURA	NA VILA	RESIDÊNCIA ANTERIOR
Paredes		
. palha ou resto de material	86%	61%
. madeira trabalhada	14%	32%
. tijolos	-	7%
Piso		
. chãc batido	-	4%
. tijolos, cimento ou assoalho cru	79%	78%
. assoalho lustrado	21%	18%
Cobertura		
. palha ou resto de material	7%	4%
. telha sem forro ou zinco	89%	75%
. telha com forro	4%	21%

Quanto à parte física da moradia (paredes, piso e cobertura) do grupo familiar não-migrante (Quadro 10) os resultados são os seguintes: 86% destas famílias estão morando em casas com paredes de palha ou resto de material, portanto 25% a mais desta população estão vivendo em condições piores em relação a residência anterior. Pode-se notar que somente 14% moram em casa de madeira trabalhada, portanto 18% a menos que em sua residência anterior, além de 7% que moravam em casa de tijolos.

Em termos de piso e cobertura parece não

haver diferenças acentuadas, que sugeriram melhoria nas condições habitacionais na vila, a não ser 14% a mais de famílias que moram sob cobertura de telha sem forro ou zinco. No entanto, esta diferença é tomada pelos 17% das famílias que em sua residência anterior moravam sob cobertura de melhor qualidade (telha com forro).

QUADRO 11

Comparação percentual das condições sanitárias, de água e iluminação na vila e na residência anterior, dos chefes de família não-migrantes (N = 28).

CONDIÇÕES	NA VILA	RESIDÊNCIA ANTERIOR
Instalações Sanitárias		
. ausência de instalações	4%	7%
. fossa, latrina ou casinha	93%	89%
. vaso sanitário com ou sem descarga	3%	4%
Abastecimento d'água		
. ausência de água encanada	21%	11%
. torneira coletiva, poço ou fonte fora de casa	32%	46%
. água encanada, poço ou fonte na casa	47%	43%
Iluminação		
. vela, candeeiro, lamparina ou lampião a gás	14%	14%
. luz elétrica	86%	86%

Quanto às condições de infra-estrutura da casa (instalações sanitárias, água e luz) dos chefes de família não-migrantes (Quadro 11) os resultados são os seguintes: 96% destas famílias possuem algum tipo de instalação sanitária, portanto apenas 3% a mais desta população estão em condições melhores em relação a residência anterior.

Em termos de abastecimento d'água e de iluminação parece não haver diferença acentuada que sugira uma melhoria nas condições de vida da população, a não ser 21% que não possuem água encanada na vila em relação a residência anterior, per fazendo 10% a mais em piores condições hoje.

QUADRO 12

Comparação percentual dos instrumentos e utensílios da moradia na vila e na residência anterior, dos chefes de família não-migrantes (N=28).

INSTRUMENTOS E UTENSÍLIOS	NA VILA	RESIDÊNCIA ANTERIOR
Instrumento para cozinhar		
. fogão de chão	-	-
. fogão de chapa	7%	21%
. fogão econômico (ã lenha) ou a gás	93%	79%
Utensílios domésticos *		
. ausência de aparelhos	18%	29%
. há um ou dois aparelhos	57%	53%
. há mais de dois aparelhos	25%	18%

Os dados do (Quadro 12) parecem refletir o envolvimento das famílias faveladas com a sociedade de consumo: em relação a residência anterior 14% a menos das famílias deixaram de usar fogão de chapa na vila, enquanto 14% a mais passaram a usar fogão a lenha ou a gás. Quanto à aquisição de aparelhos domésticos, há uma diminuição de 11% dos que indicam ausência de aparelhos na vila, e isto veio refletir no aumento do percentual de famílias que possuem dois ou mais aparelhos em comparação com a residência anterior.

* neste estudo foram considerados como utensílios domésticos (rádio, máquina de costura e de lavar roupa, geladeira, liquidificador, televisão)

Em termos de educação formal, os dados revelam que mais de 1/3 dos chefes de família não tem nenhuma escolaridade e que outra proporção igual só tem até a 3ª série do primário. Outros pontos a ressaltar são os 20% dos chefes de família que possuem o primário completo e o 1% que logrou cursar o 2º grau incompleto.

Estes dados sugerem dois aspectos: a) o percentual 36% dos chefes de família sem instrução parece confirmar a existência de elevado índice de analfabetismo em populações marginais e b) a constatação de que 41% dos chefes de família não concluíram seus respectivos cursos revela um relativo abandono da escola. Os motivos dessa desistência, provavelmente, encontrem justificativa nas dificuldades oferecidas pelo próprio sistema de ensino, conforme foi referido na revisão da literatura.

Levando-se em consideração o nível de escolaridade dessa população, caberia questionar-se: haverá alguma relação entre o grau de instrução dos chefes de família e suas aspirações educacionais para o filho?

TABELA 9

Número e percentual do nível de escolaridade dos chefes de família (N=168).

ESCOLARIDADE	N	%
Sem instrução	60	36
primário incompleto (1ª a 3ª série)	56	33
primário completo (4ª série)	34	20
ginásio incompleto (5ª a 7ª série)	12	7
ginásio completo (8ª série)	5	3
2º grau incompleto (9ª a 11ª série)	1	1
T O T A L	168	100

Com relação à ocupação*, encontrou-se (Tabela 10) que 76% dos chefes de família que trabalham (N=127) concentra-se em: ocupações manuais especializadas (34%); construção civil (24%) e manuais não-especializadas (18%). Tais resultados parecem caracterizar uma mão-de-obra de baixo preço, possivelmente utilizada pelo empresariado da grande Florianópolis.

TABELA 10

Número e percentual da ocupação atual dos chefes de família que trabalham (N=127).

OCUPAÇÃO	N	%
Manuais especializadas	43	34
Construção civil	31	24
Manuais não-especializadas	23	18
Caseiras	16	13
Outras	14	11
T O T A L	127	100

Outro ponto a ser considerado é que, constitui-se em característica destas populações residentes na periferia, a procura de ocupações na construção civil, em manuais especializadas e em manuais não-especializadas, aspecto já referido em estudos semelhantes realizados por Nunes (1976) e Coutinho (1980).

* Inicialmente, estas ocupações foram agrupadas com base na Escala Ocupacional de Bertram Hutchinson (1960). Considerando: a) a baixa frequência em algumas das categorias da Escala, foram elas agrupadas em "outras"; b) a predominância de ocupações em algumas categorias, decidiu-se conservá-las tais como manifestaram: "construção civil" e "caseiras".

Com a intenção de complementar as informações ocupacionais dos chefes de família que trabalham (N=127), coletaram-se dados sobre; trabalho fixo, vínculo empregatício, tempo que está no trabalho, dias que trabalha por semana, horas de serviço por dia, satisfação quanto ao trabalho e salário.

No que se refere à estabilidade ocupacional destes chefes de família, detectou-se que 67% têm trabalho fixo e o restante, trabalho instável.

De acordo com o vínculo empregatício, estão assim distribuídos: 69% empregados, 29% trabalham por conta própria e 2% exercem outras atividades.

Quanto à permanência na ocupação, o tempo médio dos que estão em trabalho fixo, situou-se nos 4 anos, sendo 5 a média dos dias de trabalho por semana. Referente às horas de serviço por dia, obteve-se uma média de 9 horas, com limites compreendidos entre 2 a 15 horas.

Com relação ao grau de satisfação na ocupação, verificou-se que 91% estão satisfeitos no seu serviço. Tal resultado parece sugerir que há falta de mercado de trabalho, ou baixo nível de aspiração, ou é a consequência, talvez, do baixo nível de escolaridade dos chefes de família que dificulta conseguirem trabalho na sociedade urbano-industrial.

A Tabela 11 apresenta informações, no que concerne ao nível de satisfação do chefe de família em relação ao seu salário.

TABELA 11

Número e percentual do nível de satisfação salarial dos chefes de família que trabalham (N=127).

NÍVEL DE SATISFAÇÃO SALARIAL	N	%
baixo	98	77
bom	25	20
muito bom	4	5
T O T A L	127	100

Pela distribuição dos dados acima, comprovou-se que 77% dos chefes de família julgam-se mal remunerados.

Comparando-se os dados referentes ao grau de satisfação salarial e no trabalho, infere-se o seguinte:

- . 91% dos chefes de família que trabalham estão satisfeitos com seu serviço, enquanto, somente 23% estão satisfeitos com seu salário. Poder-se-ia supor que existem para esta população outros fatores de gratificação ocupacional.

Com o propósito de conhecer a situação ocupacional anterior de todos os chefes de família, esta população foi estudada em dois grupos, os migrantes (N=140) e os não-migrantes (N=28).

Quanto à situação ocupacional anterior dos migrantes, verificou-se que 53% desempenhavam atividades agrícolas e 47% atividades não-agrícolas.

Os migrantes em ocupação agrícola trabalham, em média, em terras de 11 ha e a média de terra plantada era de 6 ha. Tais resultados permitem as seguintes inferências:

- . o tamanho médio da terra (11 ha), já é considerado pequeno, dentro de uma economia de produção, o que também parece indicar a existência de minifúndios na região de origem destes chefes de família favelados;
- . o tamanho médio de terra plantado (6 ha), parece caracterizar uma agricultura de subsistência, além de evidenciar um baixo uso da terra nos lugares de origem.

Quanto ao principal produto cultivado por estes migrantes, encontrou-se que 34% cultivavam mandioca; 24% milho; 12% feijão; 8% fumo e 22% outras culturas. Estes dados confirmam a assertiva de que o produto cultivado pode ser caracterizado como cultura de subsistência, onde somente o excedente é trocado ou vendido, resultando no baixo ganho com esta agricultura.

Um percentual de 72% dos migrantes considerou baixo o seu salário anterior e 28%, considerou-o satisfatório.

No que concerne ao uso de maquinaria agrícola 95% dos migrantes agricultores responderam que nunca usaram

máquinas nas propriedades onde trabalharam.

As informações referentes ao tamanho da terra e total de terra plantada, produto cultivado, dinheiro ganho e o uso de maquinaria agrícola parecem confirmar os resultados encontrados por Martins (1975), Singer (1976) e Carvalho (1978), que referem, como causas de migração, o baixo volume de produção agrícola de regiões onde existem pequenas áreas exploradas, pequena policultura, tecnologia rudimentar e a baixa remuneração do agricultor.

Com relação à ocupação não-agrícola dos migrantes, constatou-se que 25% desempenhavam ocupações caseiras, 23% manuais não-especializadas e 19%, estavam na construção civil. Quanto ao tipo de vínculo empregatício, verificou-se que 65% destes eram empregados e 35% trabalhavam por conta própria.

Quanto ao conceito sobre o numerário ganho nestas ocupações, 67% dos respondentes classificou como baixo, sendo que 33% o considerou bom.

A média de dias de trabalho por semana dessa clientela situou-se em 6 dias, enquanto a média de horas de trabalho por dia ficou em 10 horas.

Com relação aos chefes de família não-migrantes, constatou-se que 46% destes permaneceram no mesmo trabalho, após a mudança para o local da entrevista, enquanto 54% trocaram de ocupação depois de terem ido para a vila (Tabela 12).

TABELA 12

Número e percentual da ocupação anterior dos chefes de família não-migrantes que trabalham (N=15).

OCUPAÇÕES	N	%
Construção civil	3	20
Caseiras	2	13
Comercial	2	13
Públicas/privadas	1	7
Manuais especializadas	7	47
T O T A L	15	100

Os dados referentes à ocupação atual do favelado, à ocupação anterior dos não-migrantes e à ocupação anterior não-agrícola dos migrantes podem levar à seguinte inferência:

. Parece não ter havido modificação na situação ocupacional, embora em contato com centros urbanos maiores.

Será que, para isso, contribuiu a baixa escolaridade, ou a falta de qualificação profissional, ou, ainda, não há mercado de trabalho para atender a essa clientela?

Os chefes de família desempregados (N=41) constituem um percentual de 24%. As informações levantadas neste estudo apresentam um tempo médio, sem trabalho, de 5 anos.

Para complementar os dados desta população desempregada, fez-se a análise das informações sobre os meios* utilizados por essa clientela para manter-se sem ocupação (Tabela 13).

* os meios foram agrupados em 5 categorias, que são caracterizadas no anexo 6.

TABELA 13

Número e percentual dos meios utilizados pelos chefes de família migrantes e não-migrantes desempregados para se manterem (N=41).

MEIOS	N	%
Previdência social	15	37
Ajuda da comunidade	5	12
Ajuda familiar	14	34
Biscates	6	15
Ordenado último mês	1	2
T O T A L	41	100

Na Tabela 13, constata-se que um índice considerável usufrui da "previdência social" (37%). A significativa percentagem em "ajuda familiar" parece corroborar a situação de carência dessa população. Vale dizer que os pequenos salários são ainda repartidos, muitas vezes, entre outros familiares, para ajudar a mantê-los.

Analisando os dados sobre o último trabalho executado pelos desempregados, verificou-se que 39% deles possuíam ocupação caseira; 15%, estavam na construção civil, 12%, na agricultura e 12% em ocupação manual não-especializada.

Explorando os motivos* que levaram estes chefes de família a deixar sua última ocupação (Tabela 14), encontrou-se que o maior percentual referente ao motivo de abandono da última ocupação, corresponde à saúde com 51%. Enquanto que, em segundo aparece o problema econômico, com 24%.

* os motivos foram agrupados em 8 categorias, que se encontram caracterizados no anexo 4.

TABELA 14

Número e percentual do principal motivo dos chefes de família migrante e não-migrantes ter abandonado a última ocupação (N=41).

MOTIVOS	N	%
Econômico	10	25
Familiar	5	12
Saúde	21	51
Social	3	7
Outros	2	5
T O T A L	41	100

Estes dados poderiam sugerir que: mais da metade dessa população tem problemas relacionados à saúde, provavelmente, como decorrência de sua própria condição sub-humana; o desempregado que não tem qualificação profissional, na maioria das vezes, não encontra amparo social que o sustente enquanto procura novo emprego; as ocupações, ao seu dispor, não oferecem estabilidade, nem proteção legal ao empregado, o que vem confirmar as constatações encontradas nos trabalhos de Berlinck (1977); Melo (1978) e Scarfon (1979).

As informações referentes à "última ocupação", aos "meios para manter-se sem emprego" e aos "motivos para deixar a última ocupação" confirmam outras investigações, quando referem que o abandono do trabalho por motivo de saúde e a falta de maior abrangência dos recursos da previdência social são fatores determinantes da vida precária das populações de baixa renda (Melo, 1978; Scarfon, 1979).

4.4 - Sugestões de melhoria para a vila

Para conhecer algum tipo de aspirações dos chefes de família, no tocante às possíveis melhorias* que poderiam ser executadas na vila (Tabela 15), constatou-se que o elevado percentual encontrado de sugestões de melhoria na infra-estrutura da vila (76%) sugerem que essa população parece ter consciência da precariedade situacional em que vive e, por outro lado, anseia por melhores condições de vida.

TABELA 15

Melhorias para a vila sugeridas pelos chefes de família (N=168).

MELHORIAS	N	%
Infra-estrutura	128	76
Aspecto legal da moradia	27	16
Ambiente	13	8
T O T A L	168	100

A constatação de que (68%) dos chefes de família pretendem permanecer na vila, parece sugerir aos seus moradores duas alternativas: ou a vila fica como está, ou precisa ser urbanizada.

A exposição dos dados obtidos no presente estudo, pretendeu proporcionar um relativo conhecimento da população-alvo em termos de suas origens e dos prováveis fatores de favelização.

Após o conhecimento destes fatos resta ainda saber o que aspira esta população em termos educacionais e ocupacionais. Algum tipo de resposta poderá ter-se em função dos dados apresentados no capítulo seguinte.

* as sugestões de melhoria para a vila foram agrupadas em 3 categorias, caracterizadas no anexo 7.

CAPÍTULO V

AS ASPIRAÇÕES EDUCACIONAIS E OCUPACIONAIS DOS CHEFES DE FAMÍLIA

Este capítulo apresenta os resultados da população estudada, em termos de: 1) aspiração ocupacional e educacional do chefe de família e 2) aspiração educacional e ocupacional do chefe de família para um de seus filhos.

5.1.1 - Aspiração ocupacional do chefe de família

Para conhecer este tipo de aspiração foi feito o seguinte questionamento: O(a) sr(a) gostaria de mudar de ocupação? se o(a) sr(a) pudesse escolher outra ocupação, qual a que mais gostaria de exercer? Ao processar a informação encontrou-se que 70%, dos 127 chefes de família que trabalham, manifestaram desejo de mudar de ocupação.

Com relação ao tipo de ocupação escolhida, detectou-se que 45% aspiram a ocupação manuais especializadas e 19%, trabalho em construção civil, permitindo inferir que a maioria de les trocaria de profissão, se tivesse essa oportunidade (Tabela 16).

TABELA 16

Aspiração ocupacional dos chefes de família que gostariam de mudar de ocupação (N=89).

ASPIRAÇÃO OCUPACIONAL	N	%
Manuais especializadas	40	45
Construção Civil	17	19
Comércio	8	9
Caseiras	7	8
Públicas/Privadas	7	8
Manuais não-especializadas	5	6
Outras	5	5
T O T A L	89	100

Os resultados sugerem que os chefes de família não possuem alta aspiração ocupacional para si.

5.1.2 - Aspiração educacional do chefe de família

Com o objetivo de conhecer as aspirações educacionais dos chefes de família, questionou-se-lhes até que série o(a) sr(a) gostaria de ter estudado? a Tabela 17 mostra os resultados obtidos.

TABELA 17

Comparação percentual da aspiração educacional dos chefes de família, com seu nível de escolaridade (N=168).

GRAUS DE ENSINO	NÍVEL	ESCOLARIDADE	ASPIRAÇÃO EDUCACIONAL
			%
Sem instrução	36		-
Primário incompleto	33		10
Primário completo	20		14
Ginásio incompleto	7		11
Ginásio completo	3		28
2º Grau incompleto	1		3
2º Grau completo	-		11
3º Grau completo	-		23
T O T A L	100		100

Comparando-se os dados da Tabela 17, com os da Tabela 9, que se refere à escolaridade dos chefes de família, e suas aspirações educacionais, respectivamente, parece evidente o desejo da população por um nível de educação superior ao que possuem. Observa-se que os 36% de analfabetos desaparecem a nível de aspiração e que os 33% com primário incompleto caem para 10%, como também diminuem os percentuais de todos os outros níveis educacionais. Nota-se ainda a quantidade de indivíduos que aspiram níveis de educação de 2º e 3º graus completos (11% e 23% respectivamente).

Os dados encontrados na Tabela 17, sugerem que os chefes de família sem instrução almejam algum nível de escolaridade, não pretendendo permanecer sem alfabetização, bem como parecem desejar um pouco além da escolaridade que possuem.

5.2.1 - Aspiração educacional do chefe de família para seus filhos

Com o objetivo de conhecer a aspiração educacional dos 150 chefes de família* para um de seus filhos, foi-lhes perguntado:

1) Até que série o(a) sr(a) gostaria de que ele(a) estudasse? Esta pergunta detectou o nível de aspiração ideal dos pais para um de seus filhos.

2) Considerando a sua situação atual, até que série o(a) sr(a) acredita ser possível a ele(a) estudar? Obteve-se com esta pergunta, o nível de aspiração real dos pais para um de seus filhos.

As aspirações ideal e real, para efeito deste estudo, foram interpretadas: a primeira como aspiração educacional desejada, e a outra como aspiração educacional julgada alcançável.

Com esta informação, chegou-se aos resultados discriminados na Tabela, a seguir.

*Chefes de família que possuíam filho, na ocasião da entrevista.

TABELA 18

Comparação percentual das aspirações educacionais "desejada" e "julgada alcançável" pelos chefes de família, para seus filhos (N=150).

GRAUS DE ENSINO	ASPIRAÇÃO EDUCACIONAL	
	DESEJADA %	JULGADA ALCANÇÁVEL %
Primário completo	9	11
Ginásio incompleto (5ª a 7ª Série)	15	20
Ginásio completo	19	26
2º Grau completo	28	37
3º Grau completo	29	6
T O T A L	100	100

Ao comparar os percentuais da Tabela 18, parece evidente que mais da metade dos chefes de família (57%) de sejam ver os filhos com 2º e 3º graus completos, enquanto que a nível de "alcançável", baixa a 43% o interesse pelos mesmos graus de ensino. Observa-se que 46% dos chefes de família acreditam ser possível uma escolaridade a nível ginásial para seus filhos. Tal situação permite inferir que, quando os chefes de família são colocados frente à realidade em que vivem, isto é, enfrentando dificuldades no que se refere à manutenção do filho na escola, parece diminuir, consideravelmente, o nível de aspiração para seus filhos.

Estes dados confirmam estudo realizado por Ferraz et alii (1975), no que diz respeito à diminuição considerável da aspiração educacional a nível de real neste tipo de população.

5.2.2 - Aspiração ocupacional do chefe de família para seus filhos

No intuito de conhecer a aspiração ocupacional do chefe de família para aquele mesmo filho, foi-lhe questionado: em que tipo de ocupação o(a) sr(a) gostaria de que seu(a) filho(a) trabalhasse? Os dados revelaram os seguintes resultados (Tabela 19).

TABELA 19

Número e percentual da "aspiração ocupacional" dos chefes de família para seus filhos (N=150).

ASPIRAÇÃO OCUPACIONAL	N	%
Agricultura	2	1
Construção civil	11	7
Caseiras	1	1
Comércio	21	14
Públicas/privadas	54	36
Liberais e assemelhadas	32	21
Manuais especializadas	28	19
Manuais não-especializadas	1	1
T O T A L	150	100

Verificou-se que as ocupações agrupadas em públicas/privadas e liberais/assemelhadas (anexo 3) aparecem com os maiores percentuais, haja vista que, mais da metade dos chefes de família (57,3%) aspiram, para seus filhos, as ocupações que requerem uma escolaridade de 2º ou 3º graus completos. No entanto tal situação confirma os dados referentes às aspirações educacionais desejadas (Tabela 18) para seus filhos.

Isto parece sugerir que os chefes de família idealizam, para um de seus filhos, uma educação formal coerente com as aspirações ocupacionais, e que propicie a eles melhores empregos, e, por conseguinte, uma vida melhor, talvez, por desejarem para seus filhos as oportunidades que não puderam ter.

Visando encontrar insumos para uma abordagem educacional das populações marginais, pretendeu-se testar algumas variáveis que poderiam estar influenciando significativamente, nas aspirações educacionais "desejadas", e nas "julgadas alcançáveis" destes chefes de família para um de seus filhos.

C A P Í T U L O VI

FATORES QUE INFLUEM NAS ASPIRAÇÕES EDUCACIONAIS DOS CHEFES DE FAMÍLIA PARA UM DE SEUS FILHOS

Neste capítulo são apresentados os resultados referentes ao teste qui-quadrado e à regressão múltipla sobre as aspirações educacionais ideal e real dos chefes de família para um de seus filhos.

Os dados do capítulo anterior indicam que existe alta aspiração educacional "ideal" dos chefes de família para um de seus filhos, enquanto, a nível de "real" esta diminui. Que fatores estariam influenciando neste tipo de aspiração? Para estudar esta influência foram selecionadas algumas variáveis, tais como: grau de instrução, idade, sexo, local de origem, estado civil, origem étnica, religião e situação de emprego do chefe de família, além das seguintes variáveis do filho: escolaridade em 1980, sexo e repetência escolar.

Estas variáveis foram testadas para as aspirações ideais e reais. Para realizar esta testagem, os chefes de família foram divididos em 2 grupos: com e sem filhos frequentando a escola. As informações dos primeiros foram sobre o filho mais velho que estivesse frequentando a escola, incluindo-se na equação, respectivamente, as seguintes variáveis: sexo, escolaridade em 1980 e repetência escolar do filho*. As aspirações dos pais sem filhos

*Para maior informação sobre os filhos que frequentam a escola, ver

frequentando a escola, referem-se ao filho que nunca tivesse ido para a escola.

6.1 - Chefes de família com filho na escola

Dos 150 chefes de família que declararão ter filhos, encontrou-se que 48,6% deles possuíam algum filho frequentando a escola.

Antes de testar os possíveis fatores que estariam afetando as aspirações ideais e reais destes pais, foi necessário conhecer o grau de associação existente entre ambas as aspirações.

A Tabela 22 mostra esta associação para os pais com filho na escola (equação 1 e 2).

TABELA 22

Associação das Aspirações Educacionais ideal e real. Subgrupo: chefes de família com filhos que frequentam a escola (N=73).

NÍVEL DE ESCOLARIDADE DESEJADA PARA O FILHO	ASPIRAÇÃO EDUCACIONAL			
	IDEAL		REAL	
	N	%	N	%
Primário completo	7	10	11	15
Ginásio incompleto	9	12	16	22
Ginásio completo	15	20	24	33
2º Grau completo	19	26	9	12
3º Grau completo	23	32	13	18
T O T A L	73	100	73	100

$$\chi^2 = 11,28 > \chi^2_{.05(4)} = 9,49$$

Nesta Tabela 22 percebe-se que as aspirações educacionais dos chefes de família, a nível de ideal, independem das aspirações educacionais, a nível de real. Isto foi confirmado, estatisticamente, pelo valor 11,28 do χ^2 , ao nível de significância de 5%, com quatro graus de liberdade, maior do que o índice padrão (9,49).

Após a constatação de que não existe dependência entre aspiração educacional ideal e real dos pais para um de seus filhos, iniciou-se a testar as variáveis selecionadas através das equações de regressão, cujos resultados são apresentados na Tabela 24. Na Tabela 23 apresenta-se a média e desvio padrão, das variáveis que entraram nas equações (1) e (2) e as variáveis "Dummy" consideradas em cada conjunto de variáveis.

TABELA 23

Média e Desvio Padrão das Variáveis que entraram nas Equações de Regressão (1) e (2). Sub-grupo: Chefes de Família com filhos na Escola (N=73).

VARIÁVEIS	MÉDIAS	DESVIOS PADRÃO
<u>Características do filho</u>		
masculino	0,62	0,4896
(D) feminino	0,38	_____
com experiência de repetência	0,93	0,8282
(D) sem experiência de repetência	0,07	_____
escolaridade	1,75	1,0773
<u>Características do Chefe de Família</u>		
masculino	0,71	0,4558
(D) feminino	0,29	_____
brasileiro	0,82	0,3852
(D) outras nacionalidades	0,18	_____
religiosidade do chefe de família	1,25	0,4340
casado	0,55	0,5011
amasiado	0,26	0,4418
(D) outra situação	0,19	_____
trabalhando	0,78	0,4166
(D) desempregado	0,22	_____
migrante	0,82	0,3852
(D) não-migrante	0,18	_____
faixa etária	1,94	0,6212
nível de escolaridade	1,24	1,1028
<u>Lugar de Origem do Chefe de Família</u>		
rural	0,55	0,5011
(D) urbana	0,45	_____
microrregião subsistência	0,22	0,4166
microrregião pecuária	0,15	0,3602
outras microrregiões	0,45	0,5011
(D) Florianópolis	0,18	_____

NOTA 1: A letra entre parenteses (D) ao lado das variáveis acima,

Na Tabela 23, observa-se que os filhos que estão na escola, para os quais os chefes de família expressaram suas aspirações educacionais ideal e real, predomina o sexo masculino (62%) com elevado índice de experiência de repetência escolar (93%).

No que diz respeito aos chefes de família, pode-se observar a predominância do sexo masculino (71%), casados (55%), com trabalho (78%), migrante (82%) e de origem rural (55%).

TABELA 24

ação da Ordem de Entrada das Variáveis Independentes nas Equações (1) e (2). Variáveis Dependentes: "Aspirações Educacionais Ideais" e "Aspirações Educacionais Reais". Subgrupo: Chefes de Família com Filhos matriculados na Escola (N=73).

ENTRADA VARIÁVEIS	EQUAÇÃO (1) - ASPIRAÇÃO EDUCACIONAL IDEAL		EQUAÇÃO (2) - ASPIRAÇÃO EDUCACIONAL REAL	
	VARIÁVEIS INDEPENDENTES	COEFICIENTE DE REGRESSÃO	VARIÁVEIS INDEPENDENTES	COEFICIENTE DE REGRESSÃO
Nível de instrução do chefe de família	0,320*		Escolaridade do filho	0,380*
Escolaridade do filho	0,410*		Idade do chefe de família	-0,362
Microrregião de subsistência	-0,843		Religiosidade do chefe de família	-0,699
Idade do chefe de família	-0,381		Chefe de família brasileiro	-0,699
Chefe de família amasiado	-0,083		Chefe de família casado	0,921
Filho com experiência de repetência	-0,083		Microrregião de subsistência	-0,465
Microrregião de pecuária	-0,678		Chefe de família masculino	-0,748
Filho masculino	0,376		Nível de instrução do chefe de família	0,161
Chefe de família casado	0,505		Chefe de família migrante	-0,284
Chefe de família masculino	-0,331		Filho masculino	0,335
Chefe de família de origem rural	0,201		Chefe de família de origem rural	0,283
Chefe de família brasileiro	-0,219		Microrregião de pecuária	-0,577
Outras microrregiões	-0,198		Chefe de família amasiado	0,336
Religiosidade do chefe de família	-0,094		Filho com experiência de repetência	-0,045
Chefe de família trabalhando	0,092			
$R^2 = 35\%$			$R^2 = 32\%$	

* significância a 5%

** significância a 1%

Na Tabela 24, pode-se observar que as 15 variáveis da equação 1 lograram explicar 35% do fenômeno pesquisado, sendo que duas alcançaram significância estatística ao nível de 5%. Enquanto na equação 2, as mesmas variáveis conseguiram expressar 32% do fenômeno, e só uma delas alcançou significância estatística ao nível de 5%.

A variável que se refere ao "nível de instrução do chefe de família" foi a primeira, em ordem de importância, a entrar na equação 1, com um nível de significância de 5%. Enquanto na equação 2, esta variável entrou em oitavo lugar, sem nenhum nível de significância. Em ambas, ela tem uma tendência positiva com a variável dependente (aspiração educacional), indicando que quanto maior o nível educacional do chefe de família, maior será seu nível de aspiração educacional para o filho.

A segunda variável a entrar na equação 1 foi a "escolaridade do filho" e a primeira, na equação 2. Ela apresenta tanto uma relação positiva, como uma significância ao nível de 5%, em ambas as equações; vale dizer que, quanto maior for a escolaridade do filho, maior será o nível de aspiração do seu pai para com ele.

A variável "microrregião de subsistência" foi a terceira a entrar na equação 1 e a sexta na equação 2, não alcançando um nível de significância. Em ambas, esta variável influenciou negativamente nas aspirações, tal resultado poderia estar indicando que os chefes de família nascidos numa região de subsistência, tendem a ter menor nível de aspiração (ideal e real) para seus filhos, em comparação aos chefes de família nascidos em Florianópolis (variável "Dummy").

Em quarto lugar na equação 1, tem-se a variável "idade do chefe de família", que surge em segundo lugar na equação 2. Nas duas equações, ela apresenta tendência negativa em relação à variável dependente. Isto pode estar sugerindo que, quanto mais jovens são os pais, maiores serão as aspirações educacionais, tanto ideal como real, para seu filho.

"Chefe de família amasiado", uma das variáveis do estado civil foi a quinta a entrar na equação 1, com tendência negativa e a décima-quarta, na equação 2, com tendência po

sitiva. Isto sugere que os pais amasiados têm menor aspiração educacional ideal para seus filhos, em comparação com os viúvos e separados (variável "dummy"), mas, possuem maior aspiração educacional real que aqueles. Esta variável, no entanto, não apresentou influência significativa.

Nota-se que na equação 2, as variáveis "religiosidade do chefe de família" e "chefe de família brasileiro" entraram entre as primeiras cinco, com tendência negativa. Por serem variáveis "dummy", poderiam estar sugerindo que os chefes de família que praticam religião e de origem brasileira possuem menor aspiração educacional ideal e real para um de seus filhos, em comparação com os de outras origens étnicas que não praticam nenhuma religião. Pode-se observar que estas variáveis entraram em décimo-quarto e décimo-segundo na equação 1, respectivamente.

A variável "chefe de família casado" foi a quinta a entrar na equação 2 e a nona na equação 1. Esta variável apresenta, em ambas, uma tendência positiva em relação à dependente. Tal situação poderia estar sugerindo que os chefes de família casados possuem maior aspiração ideal e real para seus filhos do que os viúvos e separados (variáveis "dummy").

Quanto às outras variáveis, considerando-se o enfoque desta pesquisa, pode-se fazer algum comentário referente a variável "chefe de família de origem rural" e suas aspirações para com o filho. Em ambas as equações, esta variável apresentou uma tendência positiva, sugerindo, embora não significativamente, que os chefes de família procedentes de zona rural parecem possuir maior aspiração educacional ideal e real para um de seus filhos, em comparação com os de origem urbana (variável "dummy").

Em suma, pode-se dizer que os pais, quando são levados a opinar sobre aspirações educacionais ideais para seus filhos, parecem tomar, como fator de referência, a sua escolaridade e, depois a escolaridade do filho, enquanto, nas aspirações educacionais reais, pesa mais a escolaridade do filho, seguida da idade do pai. Entretanto, quando em face de sua idade e da escolaridade do filho, definem-se por aspirações mais compatíveis com a sua realidade.

6.2 - Chefes de família sem filho freqüen-
tando a escola

Objetivando levantar o grau de associação existente entre as aspirações educacionais ideal e real do chefe de família, sem filho freqüentando a escola* (N=73), foram os dados ordenados na Tabela 25. Estes dados correspondem aos 51% dos chefes de família que declararam ter filhos.

TABELA 25

Associação das aspirações educacionais ideal e real. Subgrupo: chefes de família, sem filho freqüentando a escola (N=73).

NÍVEL DE ESCOLARIDADE DESEJADO PARA O FILHO	ASPIRAÇÃO EDUCACIONAL			
	IDEAL		REAL	
	N	%	N	%
Primário completo	6	8	16	22
Ginásio incompleto	12	17	12	16
Ginásio completo	13	18	24	33
2º Grau completo	22	30	16	22
3º Grau completo	20	27	5	7
T O T A L	73	100	73	100

$$\chi^2 = 16,68 > \chi^2_{.05}(4) = 9,49$$

Ao testar a associação existente entre ambos os tipos de aspiração educacional, obteve-se um χ^2 no valor de 16,68, maior do que o χ^2 padrão (9,49), a um nível de significância de 5%, com quatro graus de liberdade. Tal fato indica que, mesmo para os chefes de família sem filho freqüentando a escola, as aspirações educacionais a nível de ideal, independem das aspirações educacionais, a nível real.

Visto que não existe dependência entre as aspirações educacionais ideal e real destes chefes de família, passou-se a testar as variáveis da equação (3) e (4), cujos resulta

* motivos apresentados pelos chefes de família, para não ter filho freqüentando a escola, anexo 9.

dos são apresentados na Tabela 27. Nestas equações não foram incluídas as variáveis escolares referentes ao filho, em face de este não haver frequentado a escola. Na Tabela 26 apresenta-se a média e o desvio padrão, das variáveis que entraram nas equações (3) e (4) e as variáveis "dummy" consideradas em cada conjunto de variáveis.

TABELA 26

Média e Desvio Padrão das variáveis que entraram nas Equações de Regressão (3) e (4). Subgrupo: Chefes de Família sem Filhos na Escola (N=73).

VARIÁVEIS	MÉDIAS	DESVIOS PADRAO
<u>Características do Chefe de Família</u>		
masculino	0,71	0,4558
(D) feminino	0,29	_____
brasileiro	0,92	0,2766
(D) outras nacionalidades	0,08	_____
religiosidade do chefe de família	1,30	0,4620
casado	0,42	0,4977
amasiado	0,34	0,4778
(D) outra situação	0,24	_____
trabalhando	0,75	0,4340
(D) desempregado	0,25	_____
migrante	0,83	0,3732
(D) não-migrante	0,17	_____
grupo de idade	1,60	0,7215
nível de escolaridade	0,90	0,9742
<u>Lugar de Origem do Chefe de Família</u>		
rural	0,62	0,4896
(D) urbana	0,38	_____
microrregião subsistência	0,20	0,4068
microrregião pecuária	0,20	0,4068
outras microrregiões	0,42	0,4977
(D) Florianópolis	0,18	_____

NOTA 2: A letra entre parenteses (D) ao lado das variáveis acima, indica aquelas variáveis deixadas fora da equação para efeito de análise comparativa.

Na Tabela 26, no que diz respeito aos chefes de família, pode-se observar a predominância do sexo masculino (71%), casados (42%), com trabalho (75%), migrante (83%) e de origem rural (62%).

A Tabela 27 apresenta os dados de 11 variáveis explicativas da aspiração ideal e de 12 variáveis relacionadas à aspiração real. No primeiro grupo de variáveis, logrou-se interpretar 39% do fenômeno pesquisado, sendo que 3 delas alcançaram significância estatística de 5%. Enquanto, no segundo, foi possível prever 39% do fenômeno investigado, sendo que só 1 variável alcançou significância estatística de 1%.

Pode-se notar que, nesta população, a ordem de entrada das variáveis apresenta-se diferente da população anterior.

A variável "microrregião de subsistência" foi a primeira a entrar na equação 3, enquanto na equação 4, ela não chegou a entrar. Porém, na equação 3 apresenta uma tendência negativa em relação a variável dependente (aspiração educacional) e alcançou uma significância estatística ao nível de 5%. Isto pode sugerir que os chefes de família sem filho na escola, que nascem em uma região de subsistência, parecem manifestar menor aspiração ideal para seus filhos, quando comparados com os nascidos em Florianópolis (variável "dummy").

A variável "chefe de família masculino" entrou em segundo lugar na equação 3 e permaneceu na mesma posição na equação 4. Em ambas evidencia tendência à relação positiva com a variável dependente, alcançando, na equação 3, significância de 5%. Isto faz supor que os chefes de família do sexo masculino têm maior aspiração ideal e real para seus filhos que os do sexo feminino (variável "dummy").

Quanto à procedência destes chefes, aparece em terceiro lugar, a variável "outras microrregiões", na equação 3 e em primeiro lugar, na equação 4. No primeiro caso, ela tem um nível de significância de 5% e no segundo, de 1%. Em ambas, manifesta uma tendência à relação positiva com a variável dependente (aspiração educacional). Tal situação poderia estar indicando que os chefes de família nascidos em outras microrregiões parecem ter maiores aspirações ideal e real para seus filhos, em comparação com os chefes de família nascidos em Florianópolis (variável "dummy").

No que concerne à variável "idade do chefe de família", esta aparece em quarto lugar em ambas as equações. Evidência uma tendência negativa com a variável dependente nas duas equações, sugerindo que os de menor idade parecem ter maior aspiração ideal e real para seus filhos.

A variável "chefe de família brasileiro", aparece em quinto lugar, na equação 3 e em sétimo, na equação 4. Em ambas, apresenta uma tendência negativa em relação às variáveis dependentes. Poder-se-ia supor que os chefes de família de origem brasileira possuem menor aspiração ideal e real para um de seus filhos, em comparação com os de outras origens étnicas (variável dummy").

Comparando a variável "chefes de família de origem rural" da equação 4, em relação a equação 3, pode-se notar que ela entrou em terceiro lugar, na equação 4 e em sétimo, na equação 3. Em ambas, caracteriza-se por uma tendência negativa em face à variável dependente. Tal situação poderia estar sugerindo que os chefes de família, vindos de zona rural, possuem menor aspiração real e ideal para seus filhos, em comparação com os procedentes de zona urbana (variável "dummy").

Diante do exposto, pode-se supor que os chefes de família, sem filho frequentando a escola, quando levados a opinar sobre a aspiração educacional ideal para um de seus filhos, parecem tomar, como fator de referência, o local de origem e, em segundo, o sexo do chefe de família, enquanto na aspiração real, foi considerado em primeiro, "outras microrregiões" e em segundo, o "sexo do chefe de família".

Diante das considerações anteriores sobre as aspirações educacionais (ideal e real) dos chefes de família com e sem filho na escola, passar-se-á a comparar as primeiras variáveis quanto a sua ordem de entrada nas equações de regressão.

A variável "nível de instrução do pai" foi a primeira a entrar na equação 1 (chefes de família com filho na escola), no entanto a primeira a entrar na equação 5 (chefes de família sem filho na escola) foi a variável "microrregião de subsistência".

A variável "escolaridade do filho" foi a primeira a entrar na equação 2 (chefes de família com filho na escola), no entanto a primeira a entrar na equação 4 (chefes de família sem filho na escola) foi a variável "outras microrregiões".

A diferença apontada anteriormente na ordem de entrada das variáveis nas equações de regressão, parece ser explicada sob dois aspectos: primeiro os chefes de família consideram as condições educacionais e econômicas do município de origem e, segundo a situação de escolaridade dos filhos no momento da entrevista, para expressarem suas aspirações (ideal e real) para seus filhos.

C A P Í T U L O VII

SÍNTESE DOS RESULTADOS - ALGUMAS SUGESTÕES

Neste capítulo, ressaltar-se-ã algumas características da população estudada quanto a sua origem, possíveis causas da favelização e aspiração educacional e ocupacional, bem como apresentar-se-ã alguns insumos básicos a respeito de uma abordagem educacional voltada a atender a inúmeras dificuldades apontadas pela comunidade.

Um ponto a considerar é a origem geográfica dos chefes de família que na maioria eram migrantes com predominância da zona rural, que tinham como procedência os municípios de Palhoça, Paulo Lopes, São José, Criciúma, Orleães, Tubarão, Bom Retiro e Lages onde existem agricultura de subsistência e pecuária. De acordo com as informações obtidas dos chefes de família, as causas de ordem econômica (1), familiar (2) e saúde (3) é que teriam provocado-os a abandonar os municípios citados anteriormente.

O fato da educação não ter sido fator de êxo do desta população, leva a supor que os chefes de família ou não tiveram acesso ou não existia ensino formal nos seus lugares de origem, não permitindo que se pronunciassem sobre a influência da educação na decisão de migrar.

-
- 1 - motivos econômicos (falta de serviço, procurar serviço, deixar lavoura, ganhava pouco, lavoura não dá dinheiro).
 - 2 - motivo familiar (mudança dos pais, abandonou os pais, ficou viúva, morte dos pais, filho trouxe, morte da esposa).

Outro ponto importante é que esta população tem migrado muito jovem, em média aos 18 anos, ou seja, numa idade em que poderia constituir-se em recurso humano útil nos seus lugares de origem. Tal situação parece evidenciar que tem ficado os mais velhos nestas cidades de maior êxodo, o que leva a diminuição da produção agrícola destas regiões.

No que se refere aos principais motivos que teriam levado os chefes de família a ir residir na vila, esta população foi coerente em dois aspectos daqueles que os motivaram a sair do lugar de origem, ou seja, o econômico e o familiar acrescido do habitacional. Pode-se observar que desaparece o problema de saúde, talvez pelo fato de estarem mais próximos de hospitais, centros de saúde, ambulatórios, etc..., mas, em contrapartida passam a enfrentar o habitacional. O problema habitacional surge ao que parece em virtude do trabalho instável, dificultando alugar ou adquirir uma casa mais próxima ao centro, restando-lhes apenas a opção de fixar-se em casebres na periferia da cidade.

O estudo também permitiu conhecer que a população estudada é constituída de chefes de família oriundos do município de Florianópolis (não-migrantes), sendo que a grande maioria destes moravam em zona urbana antes de ir para a vila. Segundo estes chefes, as causas que mais influenciaram para eles saírem da cidade foram as de ordem econômica e familiar, enquanto o motivo fundamental para irem à vila foi o habitacional, igual ao migrante.

Conforme manifestaram os chefes de família, a vila parece não ser um lugar adequado para viver, já que apresenta alguns problemas quanto ao seu ambiente, provocado por brigas, pela presença de pessoas desocupadas, ocasionando a vadiagem. Esta situação, de alguma maneira, foi confirmada pelo estudo, ao encontrar-se 24% dos chefes de família desempregados, que se mantinham através da "previdência social" ou da "ajuda familiar". Assim, considerando a média de pessoas que moram na mesma casa (5), supõe-se que outros membros da família estejam sem emprego.

Todavia, outro ponto a considerar é quanto a ocupação dos chefes de família, que na maioria exerce ocupações manuais especializadas ou atua na construção civil, levando a supor que esta população contribui para o desenvolvimento de Florianópolis.

lis e, portanto, é merecedora de uma maior atenção por parte do governo estadual ou municipal. Um aspecto que chama atenção nesta população é que embora muitos deles estivessem insatisfeitos com seu salário, a grande maioria gostaria de permanecer na mesma ocupação. Isto pode ser analisado em dois sentidos: (1) Talvez queiram ficar no mesmo serviço, por se julgarem incapazes de trabalhar em outro, (2) ou por gostarem de sua profissão, independentemente, do ganho que ela lhes proporcione.

Pela importância do fato, estudos mais específicos devem ser desenvolvidos neste aspecto, os quais poderiam apontar insumos para algum tipo de educação não-formal na vila, com vistas a capacitar esta população no desempenho de outra atividade ou para aperfeiçoá-los em suas próprias habilidades profissionais, com vistas a uma melhor remuneração e conseqüente melhoria no padrão de vida.

Um outro aspecto que chama a atenção nesta população é quanto a aspiração educacional para seus filhos, onde verificou-se que eles almejam a nível de real uma escolaridade, parece muito condicionada ao preconizado pela Lei 5692/71, ou seja, um ensino obrigatório dos 7 aos 14 anos, equivalente ao 1º grau, supondo que seus filhos não alcancem o 2º grau, em face da discriminação existente no sistema educacional.

Levando-se em conta as características da população-alvo, poder-se-iam propor duas estratégias a nível do Estado e do Município: a primeira voltada aos problemas encontrados nas microrregiões de maior êxodo e a segunda centrada nos problemas existentes na vila.

A primeira estratégia visaria a uma conscientização da situação enfrentada pelos favelados, através de discussão e divulgação do dia-a-dia nas favelas e das suas dificuldades de entrosamento num centro maior, em face de sua escassa escolaridade e qualificação profissional.

Paralela a esta estratégia, poder-se-ia pensar em aplicar uma política de diversificação do mercado de trabalho, no interior do Estado, assim como, oferecer mais serviços de saúde, instrução e de infra-estrutura a estas microrregiões, visando a diminuir, em parte, o fluxo migratório no Estado.

No que diz respeito à segunda estratégia, ha ja vista que o fenômeno migratório a Florianópolis parece irreversível, seria bastante profícuo que as autoridades estaduais e muni cipais assumissem a responsabilidade de integrar, de alguma mane ra, esta população favelada, que, para ali foi atraída, e que foi marginalizada. Cabe, pois, à sociedade receber e preparar esta po pulação, de tal forma que ela possa com recursos humanos próprios, resolver seus problemas de casa, escola e de infra-estrutura, para que possam sentir-se úteis, o que certamente os levará a melhor ser vir e colaborar para o progresso local.

Por outro lado, esta estratégia deveria con tar com o incentivo governamental, quanto à prática de uma educação não-formal, tanto para os chefes de família, como para seus filhos, que viesse a prepará-los também para outras atividades profissionais, ligadas ao mercado de trabalho emergente em Florianópolis, e auxi liá-los a viver em comunidade, com melhores condições de higiene pessoal e coletiva.

Para que fosse colocada em funcionamento es ta alternativa precisariam ser revitalizadas entidades, como o Ser viço Social da Indústria - SESI, Serviço Social do Comércio - SESC e Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC, através de convênios com órgãos estaduais de educação, onde seriam ministrados ou oferecidos cursos de preparação de mão-de-obra qualificada, que venham a atender a demanda do mercado de trabalho local.

Seria, também, uma participação positiva do governo, se ele conseguisse levar a efeito a conscientização dos centros comunitários para esta situação. Tais entidades, quando bem estruturadas, conseguem, através de reivindicações a quem de direi to, resolver ou suprir, em grande parte, os problemas de suas comu nidades.

Considerando que os resultados desta pesqui sa ficam limitados ao âmbito de uma vila periférica, sugere-se que outras pesquisas sejam realizadas não só para confirmar ou não es tes resultados, como também em aspectos específicos já mencionados neste capítulo. Dentro deste espírito, sugere-se realizar pesquisas nas microrregiões detectadas como aquelas de maior êxodo, tanto pa ra confirmar alguns aspectos do presente estudo como para explorar as tendências de migração, aspiração, pólo de atração e outros pon tos que podem ser relevantes para a diferença ou aprimoramento da

Finalmente espera-se que o presente trabalho permita (1) informar a comunidade estudiosa, em geral, a respeito da vida de uma população da periferia de Florianópolis, (2) motivar a professores, alunos ou comunidade científica do Estado para aprofundar os aspectos mais relevantes do estudo, (3) contribuir para a definição ou aprimoramento de uma política migratória do Estado e Município a partir do conhecimento das necessidades apontada pelos respondentes nesta pesquisa e (4) contribuir na definição de possíveis estratégias educacionais não só para as vilas periféricas, mas, também, para aquelas populações com potencial de migração. Diante deste quadro, cabe um questionamento: Se a migração é necessária para o desenvolvimento do Estado, não poderia ser relevante educar para o êxodo?

VIII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 01- ACEDO MENDOZA, Carlos. América Latina, Marginalidad y Subdesarrollo. Caracas, Arte, 1974.
- 02- BARCELLOS, Tanya Macedo de et alii. Migrações internas/RS. Indicadores Sociais, Porto Alegre, V.4, n.4, out. 1976. Número especial.
- 03- BERLINCK, Manoel T. Marginalidade social e relações de classes em São Paulo. Rio de Janeiro, Vozes, 1977.
- 04- BEST, J.W. Como investigar en educación. Madrid, Morata, 1974.
- 05- BLAY, Eva Alterman et alii. A luta pelo espaço. Rio de Janeiro, Vozes, 1978.
- 06- BRIONES, Guillermo. Movilidad ocupacional y mercado de trabajo en el Perú. América Latina, Rio de Janeiro, 6(3): 63-76, jul/set. 1963.
- 07- CARVALHO, João Carlos M. de. Camponeses no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1978.
- 08- COSTA, Manoel Augusto et alii. Migrações internas no Brasil. Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1971. (Monografia, 5).
- 09- COUTINHO, Ronaldo do Livramento. Operário de construção civil. Rio de Janeiro, Achiamê, 1980.
- 10- CUNHA, Luiz Antonio. Educação e desenvolvimento social no Brasil. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
- 11- DIAS, Gentil Martins. Depois do latifúndio; continuidade e mudança na sociedade rural nordestina. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978.
- 12- FARIA, Vilmar. Pobreza urbana, sistema urbano e marginalidade. Estudos CEBRAP, (9):129-51, jul/set. 1974.
- 13- FAURE, Edgar et alii. Aprender a ser. São Paulo, Difusão Editorial do livro, 1977.
- 14- FERRARINI, Sebastião Antônio. Transertanismo: sofrimento e miséria do nordestino na Amazônia. Petrópolis, Vozes, 1979.
- 15- FERRAZ, Francisco et alii. Perfil sócio-econômico das populações urbanas de baixas rendas no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, PUC, 1975. V.1

- 16- GASPAR, Luciano Mota. Migrações rurais e crescimento urbano. *Revista de ciências sociais*. Ceará, 1(1): 29 sem. 1970.
- 17- GONZALES, Elbio N. & BASTOS, Maria Ines. O trabalho volante na agricultura brasileira. In: PINSKY, Jaime. Capital e Trabalho no campo. São Paulo, Hucitec, 1977.
- 18- GRANT, James B. O desemprego nas nações em desenvolvimento. Diálogo, Rio de Janeiro, 5(3): 25-33, jul/set. 1972.
- 19- HAVIGHURST, Roberto J. La sociedad y la educación en América Latina. Buenos Aires, Universitária, 1973.
- 20- HAYMAN, John L. Investigación y educación. Buenos Aires, Paidós, 1978.
- 21- IANNI, Octavio. A luta pela terra. Petrópolis, Vozes, 1978.
- 22- KOVARICK, Lucio. Capitalismo e marginalidade na América Latina. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- 23- KRISTOL, Irving. A crise urbana e a classe pobre. Diálogo, Rio de Janeiro, 4(4): 51-6, out/dez. 1971.
- 24- LOPES, Juarez Rubens Brandão. Desenvolvimento e mudança social. São Paulo, Ed. Nacional, 1976.
- 25- MAR, J. Matos. Migración y urbanización. In: —. La urbanización en América Latina. Buenos Aires, Solar/Hachette, 1967.
- 26- MARGULIS, Mário. Estudio de las migraciones en su lugar de origen. América Latina, Rio de Janeiro, 9(4): 41-72, out /dez. 1966.
27. MARKUS, Ruben. Elementos de estatística aplicada. Porto Alegre, UFRGS, 1971.
28. MARTINS, José de Souza. Capitalismo e Tradicionalismo. São Paulo, Pioneira, 1975.
29. MEDEIROS, Laudelino T. Vilas de malocas. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 1971.
30. MEDINA, Carlos Alberto. A favela como uma estrutura atomística: elementos descritivos e constitutivos. América Latina, Rio de Janeiro, 12(3): 112-36, jul/set. 1969.

- 31- MELLO, Maria Conceição D'Incao e. O bôia-fria: acumulação e miséria. Petrópolis, Vozes, 1978.
- 32- MORTARA, Giorgio. Fatores econômicos e sociais das migrações para as cidades na América Latina. Revista brasileira de estatística, Rio de Janeiro, 26(101/102):1-5, jan/jun. 1965.
- 33- MORSE, David A. O desemprego nos países em desenvolvimento. Diálogo, Rio de Janeiro, 4(2):65-74, abr/jun. 1971.
- 34- MOSCHINI, Felice Nery. Êxodo e urbanização. Problemas Brasileiros, São Paulo, 9(103):21-38, mar. 1972.
- 35- NICK, Eva & KELLNER, Sheilah Rubino de Oliveira. Fundamentos de Estatística para as Ciências do Comportamento. Rio de Janeiro, Renes, 1975.
- 36- NUNES, Guida. Rio, metrópole de 300 favelas. Petrópolis, Vozes, 1976.
- 37- OLIVEN, Ruben George. Metabolismo social da cidade e outros ensaios. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 1974
- 38- PAOLI, Maria Celia Pinheiro Machado. Desenvolvimento e Marginalidade. São Paulo, Pioneira, 1974.
- 39- PARISSE, Lucien. Las favelas en la expansión urbana de Rio de Janeiro: estudo geográfico. América Latina, Rio de Janeiro, 12(3):7-43, jul/set. 1969.
- 40- PASTORE, José. Brasília: a cidade e o homem. São Paulo, Ed. Nacional, 1969.
- 41- PERLMANN, Janice. O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- 42- PORTES, Alejandro. Política Habitacional, Pobreza Urbana e o Estado: as favelas do Rio de Janeiro, 1972-76, Estudos CEBRAP, (22):131-61, jul. 1977.
- 43- QUEDA, Oriowaldo & Szmrecsányi, Tomás. O papel da educação escolar e da assistência técnica. In:—. Vida rural e mudança social. São Paulo, Nacional, 1976. p.271-96.
- 44- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil. Rio de Janeiro, LTC/EDUSP, 1978.
45. RAKOTOMALALA, Pierre & KHOI, Lethanh. A educação no meio rural. Lisboa, Moraes, 1976.

- 46- SCARFON, Maria de Lurdes. Crescimento e Miséria. São Paulo, Símbolo, 1979.
- 47- SCHUTZ, Paulo & TIJIBOY, Juan Antonio. Alternativas educacionais para o meio rural - 2ª etapa. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 1980.
- 48- SIERRA BRAVO, Restituto. Técnica de investigación social: ejercicios y problemas. Madrid, Paraninfo, 1976.
49. SILVA, Maria Terezinha Pereira e. Determinantes do valor atribuído à saúde da criança em periferias urbanas: um modelo de diagnóstico. Porto Alegre, 1980. (Dissertação de Mestrado em Educação - UFRGS)
- 50- SILVA, Lea Melo da. Pesquisa de fluxos migratórios para Belo Horizonte. In: UNIVERSIDADE FEDERAL de MINAS GERAIS. CEDEPLAR. Migrações internas e desenvolvimento regional. Belo Horizonte, 1973. p.129-68.
- 51- SINGER, Paul. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: UNIVERSIDADE FEDERAL de MINAS GERAIS. CEDEPLAR. Migrações internas e desenvolvimento regional. Belo Horizonte, 1973. p. 171-208.
- 52- SPIEGEL, Murray R. Estatística. Rio de Janeiro, Mc Graw, Hill do Brasil, 1976.
- 53- VALLADARES, Licia do Prado. Passa-se uma casa: análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- 54- VERVIER, Jacques. Perfil Sócio-Econômico do Marginalizado. Bauru, FAFIL, 1980.
- 55- WEBER, Silke. Aspirações à educação: o condicionamento do modelo dominante. Petrópolis, Vozes, 1976.

A N E X O S

ANEXO 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PROJETO: "UMA POPULAÇÃO FAVELADA CATARINENSE: suas origens, fatores da favelização e aspirações"

M	_____
---	-------

Nome do Entrevistador:

Data:.....

I - DADOS PESSOAIS DO ENTREVISTADO

1. NOME:
2. SEXO: () masculino () feminino
3. IDADE:anos
4. QUAL A SUA ORIGEM ÉTNICA PREDOMINANTE?
- () Brasileira () Italiana
- () Alemã () Outra. qual?.....
5. QUAL A RELIGIÃO QUE O(A) SR(A) PRÁTICA?
- () nenhuma () protestante
- () católica () outra. qual).....
6. ESTADO CIVIL: () solteiro(a) () viúvo(a)
- () casado(a) () outro. qual?.....
7. ONDE OCORREU ESTA UNIÃO COM SUA(SEU) ESPOSA(O)?
- () no lugar onde nasceu
- () nesta vila
- () outro. qual?.....

II - INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O ENTREVISTADO

8. EM QUE LUGAR O(A) SR(A) NASCEU? (vila ou povoado, cidade, estado)
-
-
9. COM QUE IDADE O(A) SR(A) SAIU DO LUGAR ONDE NASCEU?.....anos
10. A QUE LUGAR O(A) SR(A) SE DIRIGIU QUANDO SAIU DE ONDE NASCEU?
-

11. ESTE LUGAR ONDE O(A) SR(A) SE DIRIGIU ERA:
 zona rural ou zona urbana
12. QUANTOS ANOS O(A) SR(A) VIVEU EM ZONA RURAL?.....anos
13. QUAL FOI O PRINCIPAL MOTIVO QUE FEZ O(A) SR(A) SAIR DE ONDE -
 NASCEU? e
14. ALÉM DESTES, O(A) SR(A) TERIA OUTRO(S) MOTIVO(S) PARA SAIR DE ONDE
 NASCEU?.....

15. QUANTAS MUDANÇAS O(A) SR(A) FEZ ANTES DE VIR MORAR NESTA VILA?..
Vez(es)
16. O ÚLTIMO LUGAR EM QUE O(A) SR(A) MOROU ERA:
 zona rural ou zona urbana
17. QUANTO TEMPO O(A) SR(A) MOROU NESTE ÚLTIMO LUGAR?.....
18. QUAL O PRINCIPAL MOTIVO DA SUA VINDA PARA ESTA VILA?
 e
19. ALÉM DESTES, O(A) SR(A) TERIA OUTRO(S) MOTIVO(S) PARA SUA VINDA-
 A ESTA VILA?.....

20. HÁ QUANTO TEMPO O(A) SR(A) MORA NESTA VILA?.....
21. O(A) SR(A) QUANDO VEIO PARA ESTA VILA, VEIO ACOMPANHADO?
 sim ou não
22. SE SIM, QUEM VEIO COM O(A) SR(A) PARA ESTA VILA?.....

23. O(A) SR(A) ACHA QUE COM SUA VINDA PARA ESTA VILA, SUA SITUAÇÃO-
 FICOU:
 melhor que antes
 igual a antes
 pior que antes

24. ATUALMENTE, O(A) SR(A) GOSTARIA DE FICAR NESTA VILA?

() *sím* ou () *não* (passe item 27) () *não sei*

25. QUAL O PRINCIPAL MOTIVO PARA FICAR NESTA VILA?

..... e

26. ALÉM DESTES, O(A) SR(A) TERIA OUTRO(S) MOTIVO(S) PARA FICAR NESTA VILA?

.....

(passe item 30)

27. ONDE O(A) SR(A) GOSTARIA DE IR MORAR? (vila, cidade, estado)

.....

28. QUAL O PRINCIPAL MOTIVO PARA O(A) SR(A) SAIR DESTA VILA?

..... e

29. ALÉM DESTES, O(A) SR(A) TERIA OUTRO(S) MOTIVO(S) PARA SAIR DESTA VILA?

30. O TERRENO EM QUE O(A) SR(A) MORA É:

- . *próprio*
- . *alugado*
- . *cedido*

N. V.	L. N.

31. A CASA EM QUE O(A) SR(A) MORA É:

- . *própria*
- . *alugada*
- . *cedida*

32. O(A) SR(A) ENCONTROU DIFICULDADES PARA CONSEGUIR ESTA CASA?

- . *sím*
- . *não*

33. QUANTAS PESSOAS MORAM NESTA CASA?

--	--

34. NÚMERO DE PEÇAS NA RESIDÊNCIA:

--	--

35. AS PAREDES DA CASA SÃO DE:

. palha ou resto de material		
. madeira trabalhada		
. tijolos		

36. O PISO DA CASA É DE:

. chão batido		
. tijolos, cimento ou assoalho cru		
. assoalho lustrado		

37. A COBERTURA DA CASA É DE:

. palha ou resto de material		
. telha sem forro ou zinco		
. telha com forro		

38. QUANTO AO ABASTECIMENTO DE ÁGUA:

. ausência de água encanada ou água de poço/fonte/casa		
. torneira coletiva, poço ou fonte fora de casa		
. água encanada, poço ou fonte na casa		

39. A ILUMINAÇÃO DA CASA É:

. vela, candeeiro, lamparina ou lampião querosene		
. lampião a gás		
. luz elétrica		

40. QUAL O INSTRUMENTO USADO PARA COZINHAR?

. fogão de chão		
. fogão de chapa (feito de tijolo ou barro)		
. fogão econômico ou a gás		

41. OS UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS EXISTENTES NA CASA:

rádio, máquina de costura, máquina de lavar roupa, geladeira, liquidificador, televisão.

53. O QUE O(A) SR(A) PENSA EM RELAÇÃO AO SEU SALÁRIO?

() muito bom () bom () baixo

54. O(A) SR(A) GOSTARIA DE MUDAR DE TRABALHO?

() sim ou () não

55. SE O(A) SR(A) PUDESSE ESCOLHER OUTRA OCUPAÇÃO, QUAL A QUE MAIS GOSTARIA DE TER?

.....

(passe item 61)

56. HÁ QUANTO TEMPO O(A) SR(A) NÃO ESTÁ TRABALHANDO?.....

57. COMO O(A) SR(A) ESTÁ SE MANTENDO SEM EMPREGO?

.....

58. QUAL FOI O SEU ÚLTIMO TRABALHO?

.....

59. QUAL O PRINCIPAL MOTIVO DE TER DEIXADO ESTE TRABALHO?

.....

60. O(A) SR(A) ESTÁ ENCONTRANDO DIFICULDADE PARA ENCONTRAR EMPREGO?

() sim ou () não

61. QUAL O SEU TRABALHO NO LUGAR ONDE NASCEU?(ocupação, profissão)

.....

62. O(A) SR(A) NESTE TRABALHO ONDE NASCEU ERA:

() agricultor ou () não-agricultor

(passe item 70)

63. O(A) SR(A) COMO AGRICULTOR E/OU PECUARISTA ERA.....

..... (pro-
prietário, parceiro, arrendatário, empregado), mas,

64. QUAL ERA O TAMANHO DA TERRA ONDE TRABALHAVA?.....ha.

65. DESTES TOTAL DE TERRA, QUANTO ERA UTILIZADO PARA PLAN-
TAR E/OU PARA CRIAR?.....ha.

66. NESTE(S).....ha, O QUE ERA PLANTADO E/OU CRIADO?

.....

67. DESTES, QUAL O PRINCIPAL PRODUTO EXPLORADO?

.....

68. O DINHEIRO GANHO NESTE TRABALHO ERA:
 muito bom bom baixo

69. ONDE TRABALHAVA ERA USADO MÁQUINAS AGRÍCOLAS (ceifa-trilha, trator, roçadeira, ordenhadeira, etc..)?
 sim ou não
(passe item 74)

70. O(A) SR(A) COMO....., TRABALHAVA:
 (ver item 61)

- por conta própria ou
 era empregado(a)
 outro. qual?.....

71. O DINHEIRO GANHO NESTE TRABALHO ERA:

- muito bom bom baixo

72. QUANTOS DIAS O(A) SR(A) TRABALHAVA POR SEMANA?.....dias.

73. QUANTOS HORAS O(A) SR(A) TRABALHAVA POR DIA?.....horas.

III - ASPIRAÇÕES

a) do chefe de família

74. O(A) SR(A) TEVE A OPORTUNIDADE DE ESTUDAR?

sim ou não
(passe item 77)

75. ATÉ QUE ANO O(A) SR(A) CURSOU?.....SÉRIE(S)

76. O(A) SR(A) CURSOU ESTA(S).....SÉRIE(S) NA:

- zona rural ou zona urbana ambas
(passe item 77)

77. SE O(A) SR(A) PUDESSE VOLTAR A SER CRIANÇA NOVAMENTE, ATÉ QUE ANO(S) O(A) SR(A) GOSTARIA DE ESTUDAR?

1º grau	01	02	03	04	05	06	07	08
2º grau			09	10	11	12		
3º grau		13	14	15	16	17	18	

89. QUANDO O(A) SEU(A) FILHO(A) PARAR DE ESTUDAR, ONDE O(A) SR(A) GOSTARIA QUE ELE(A) TRABALHASSE?

zona rural ou zona urbana

90. EM QUE O(A) SR(A) GOSTARIA QUE ELE(A) TRABALHASSE (ocupação, profissão) NA ZONA.....?

.....

91. ATÉ QUE ANO VAI A ESCOLA ONDE ESTUDA SEU(A) FILHO(A)?

1º GRAU							2º GRAU				
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12

92. O(A) SR(A) ACHA QUE ESTE NÚMERO DE SÉRIES OFERECIDAS PELA ESCOLA ONDE ESTUDA SEU(A) FILHO(A) SÃO SUFICIENTES?

sim ou não não sei

93. ALÉM DE ENSINAR A LER, ESCREVER E FAZER CONTAS, O QUE MAIS O(A) SR(A) ACHA DEUTA SER ENSINADO NA ESCOLA ONDE ESTUDA SEU(A) FILHO(A)? (colocar por ordem de importância o indicado pelo chefe de família)

.....

.....

94. O(A) SR(A) ACHA QUE DEVIA TER AULAS AOS PAIS NESTA VILA?

sim ou não não sei

(passe item 101)

95. QUAL O PRINCIPAL MOTIVO DO(A) SR(A) NÃO TER NENHUM(A) FILHO(A) NA ESCOLA?

.....

c) do chefe de família em relação a um filho ou uma filha que não tenha ido à escola:

96. O(A) SR(A) DESEJA QUE O(A) SEU(A) FILHO(A) ESTUDE?

sim ou não (passe item 101)

97. ATÉ QUE ANO(S) O(A) SR(A) GOSTARIA QUE ELE(A) ESTUDASSE?

DESEJADO									
1º grau	01	02	03	04	05	06	07	08	
2º grau			09	10	11	12			
3º grau		13	14	15	16	17	18		

102. QUAL É A SITUAÇÃO DE ESCOLARIDADE DOS SEUS FAMILIARES?

RO DE M	N O M E	SEXO F/M	IDADE	ESTADO CIVIL	LOCAL DA RESIDÊNCIA	ÚLTIMA SÉRIE CONCLUÍDA	ANOS QUE RODOU NA ESCOLA	ESTÁ ESTUD. /79 S/N	ESTUDA 87/88 S/N/NS

Código para escolaridade								
não estudou	0 0							
1º grau	01	02	03	04	05	06	07	08
2º grau	09		10	11				
3º grau	12	13	14	15	16	17		

ANEXO 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PROJETO: "UMA POPULAÇÃO FAVELADA CATARINENSE: suas origens, fatores da favelização e aspirações"

NM	— — —
----	-------

Nome do Entrevistador:.....
Data:.....

I - DADOS PESSOAIS DO ENTREVISTADO

1. NOME:

2. SEXO: () masculino () feminino

3. IDADE:.....anos

4. QUAL A SUA ORIGEM ÉTNICA PREDOMINANTE?

() brasileira () italiana

() alemã () outra.qual?.....

5. QUAL A RELIGIÃO QUE O(A) SR(A) PRÁTICA?

() nenhuma () protestante

() católica () outra.qual?.....

6. ESTADO CIVIL: () solteiro(a) () viúvo(a)

() casado(a) () outro.qual?.....

7. ONDE OCORREU ESTA UNIÃO COM SUA(SEU) ESPOSA(O)?

() no lugar onde nasceu

() nesta vila

() outro.qual?.....

II - INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O ENTREVISTADO

8. ONDE O(A) SR(A) NASCEU?

() fora da vila

ou () na vila (passe item 17)

9. COM QUE IDADE O(A) SR(A) SAIU DO LUGAR ONDE NASCEU?.....
.....anos.

10. O QUE LEVOU O(A) SR(A) A DEIXAR ONDE NASCEU?

.....

11. QUANTAS MUDANÇAS O(A) SR(A) FEZ ANTES DE VIR MORAR NESTA
VILA?.....vez(es).

12. O QUE O(A) LEVOU A VIR MORAR NESTA VILA?

13. HÁ QUANTO TEMPO O(A) SR(A) MORA NESTA VILA?.....

14. O(A) SR(A) QUANDO VEIO PARA ESTA VILA, VEIO ACOMPANHADO(A)?
 () sim ou () não

15. SE SIM, QUEM VEIO COM O(A) SR(A) PARA ESTA VILA?

16. O(A) SR(A) ACHA QUE COM SUA VINDA PARA ESTA VILA, SUA SITUAÇÃO FICOU:
 () melhor que antes
 () igual a antes
 () pior que antes (passe item 17)

17. ATUALMENTE, O(A) SR(A) GOSTARIA DE FICAR NESTA VILA?

() sim ou () não (passe item 20) () não sei

18. QUAL O PRINCIPAL MOTIVO PARA FICAR NESTA VILA?
e

19. ALÉM DESTES, O(A) SR(A) TERIA OUTRO(S) MOTIVO(S) PARA FICAR NESTA VILA?

 (passe item 23)

20. ONDE O(A) SR(A) GOSTARIA DE IR MORAR? (vila, cidade, estado)

21. QUAL O PRINCIPAL MOTIVO PARA O(A) SR(A) SAIR DESTA VILA?
e

22. ALÉM DESTES, O(A) SR(A) TERIA OUTRO(S) MOTIVO(S) PARA SAIR DESTA VILA?

23. O TERRENO EM QUE O(A) SR(A) MORA É:

	N. V.	O. V.
. próprio		
. alugado		
. cedido		

24. A CASA EM QUE O(A) SR(A) MORA É:

. própria		
. alugada		
. cedida		

25. O(A) SR(A) ENCONTROU DIFICULDADES PARA CONSEGUIR ESTA CASA?

. sim		
. não		

26. QUANTAS PESSOAS MORAM NESTA CASA?

--	--

27. NÚMERO DE PEÇAS NA RESIDÊNCIA:

--	--

28. AS PAREDES DA CASA SÃO DE:

. palha ou resto de material		
. madeira trabalhada		
. tijolos		

29. O PISO DA CASA É DE:

. chão batido		
. tijolos, cimento ou assoalho cru		
. assoalhado lustrado		

30. A COBERTURA DA CASA É DE:

. palha ou resto de material		
. telha sem forro ou zinco		
. telha com forro		

31. QUANTO AO ABASTECIMENTO DE ÁGUA

. ausência de água encanada ou água de poço/fonte/casa		
. torneira coletiva, poço ou fonte fora da casa		
. água encanada, poço ou fonte na casa		

32. A ILUMINAÇÃO DA CASA É:

. vela, candeeiro, lamparina ou lampião querosenz		
. lampião a gás		
. luz elétrica		

33. QUAL O INSTRUMENTO USADO PARA COZINHAR?

. fogão de chão		
. fogão de chapa (feito de tijolo ou barro)		
. fogão econômico ou a gás		

34. OS UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS EXISTENTES NA CASA:

rádio, máquina de costura, máquina de lavar roupa, geladeira, liquidificador, televisão.

. ausência dos aparelhos citados acima		
. há um ou dois aparelhos citados acima		
. há mais de dois aparelhos citados acima		

35. AS INSTALAÇÕES SANITÁRIAS NA CASA:

. ausência de instalações sanitárias		
. fossa, latrina ou casinha		
. vaso sanitário com ou sem descarga		

36. QUANTO A DISPONIBILIDADE DE TRANSPORTE:

. não possui meio de transporte próprio		
. possui cavalo, carroça ou charrete		
. possui veículo motorizado		

37. NO MOMENTO O(A) SR(A) ESTÁ TRABALHANDO?

() sim ou () não (passe item 49)

38. ATUALMENTE, O QUE O(A) SR(A) FAZ? (ocupação, profissão)

.....

39. O(A) SR(A) TEVE DIFICULDADE PARA CONSEGUIR ESTE TRABALHO?

() sim ou () não

40. ESTE SEU TRABALHO É FIXO?

() sim ou () não

41. HÁ QUANTO TEMPO ESTÁ NESTE TRABALHO?

42. COMO O(A) SR(A) TRABALHA?

() por conta própria ou

() é empregado(a)

() outro. qual?

43. O(A) SR(A) ESTÁ SATISFEITO NO SEU TRABALHO?

sim ou não

44. QUANTOS DIAS O(A) SR(A) TRABALHA POR SEMANA?.....dias.

45. QUANTAS HORAS O(A) SR(A) TRABALHA POR DIA?.....horas.

46. O QUE O(A) SR(A) PENSA EM RELAÇÃO AO SEU SALÁRIO?

muito bom bom baixo

47. O(A) SR(A) GOSTARIA DE MUDAR DE TRABALHO?

sim ou não

48. SE O(A) SR(A) PUDESSE ESCOLHER OUTRA OCUPAÇÃO, QUAL A QUE MAIS GOSTARIA DE TER?

.....

(passe item 54)

49. HÁ QUANTO TEMPO O(A) SR(A) NÃO ESTÁ TRABALHANDO?.....

50. COMO O(A) SR(A) ESTÁ SE MANTENDO SEM EMPREGO?

.....

51. QUAL FOI O SEU ÚLTIMO TRABALHO?

.....

52. QUAL O PRINCIPAL MOTIVO DE TER DEIXADO ESTE TRABALHO?

.....

53. O(A) SR(A) ESTÁ ENCONTRANDO DIFICULDADE PARA ENCONTRAR EMPREGO?

sim ou não

54. O(A) SR(A) SEMPRE TRABALHOU NESTE SERVIÇO?

sim (passe item 56) ou não

55. QUAL ERA A SUA OCUPAÇÃO ANTERIOR?

.....

(passe item 56)

III - ASPIRAÇÕES

a) do chefe de família:

56. O(A) SR(A) TEVE A OPORTUNIDADE DE ESTUDAR?

sim ou não (passe item 59)

57. ATÉ QUE ANO O(A) SR(A) CURSOU?.....SÉRIE(S) .

58. O(A) SR(A) CURSOU ESTA(S).....SÉRIE(S) NA:

() zona rural ou () zona urbana () ambas
(passe item 59)

59. SE O(A) SR(A) PUDESSE VOLTAR A SER CRIANÇA NOVAMENTE, ATÉ QUE ANO(S) O(A) SR(A) GOSTARIA DE ESTUDAR?

1º grau	01	02	03	04	05	06	07	08
2º grau			09	10	11	12		
3º grau		13	14	15	16	17	18	

b) do chefe de família em relação a um filho ou uma filha que esteja estudando:

60. O(A) SR(A) TÊM FILHO(S)?

() sim ou () não (passe item 83)

61. QUANTOS FILHOS (VIVOS) O(A) SR(A) TÊM?.....

62. QUANTOS FILHOS MORAM COM O(A) SR(A)?.....

63. ATUALMENTE, O(A) SR(A) POSSUE ALGUM(A) FILHO(A) NA ESCOLA?

() sim ou () não (passe item 77)

64. QUAL O NOME DO(A) FILHO(A) MAIS VELHO(A) QUE ESTÁ NA ESCOLA?

.....

65. SEXO: () masculino () feminino

66. IDADE:.....

67. COM QUE IDADE O(A).....ENTROU NA ESCOLA?.....

68. EM QUE ANO ELE(A) ESTÁ?.....SÉRIE(S) .

69. ATÉ QUE ANO O(A) SR(A) GOSTARIA QUE ELE(A) ESTUDASSE?

desejado

1º grau	01	02	03	04	05	06	07	08
2º grau			09	10	11	12		
3º grau		13	14	15	16	17	18	

70. CONSIDERANDO SUA SITUAÇÃO ATUAL, ATÉ QUE ANO(S) O(A) SR(A) ACHA VAI DAR PARA ELE(A) ESTUDAR?

fulga alcançável								
1º grau	01	02	03	04	05	06	07	08
2º grau			09	10	11	12		
3º grau		13	14	15	16	17	18	

71. QUANDO O(A) SEU(A) FILHO(A) PARAR DE ESTUDAR, ONDE O(A) SR(A) GOSTARIA QUE ELE(A) TRABALHASSE?

() zona rural ou () zona urbana

72. EM QUE O(A) SR(A) GOSTARIA QUE ELE(A) TRABALHASSE (ocupação, profissão) NA ZONA.....?
-

73. ATÉ QUE ANO VAI A ESCOLA ONDE ESTUDA SEU(A) FILHO(A)?

1º GRAU								2º GRAU			
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12

74. O(A) SR(A) ACHA QUE ESTE NÚMERO DE SÉRIES OFERECIDAS PELA ESCOLA ONDE ESTUDA SEU(A) FILHO(A) SÃO SUFICIENTES?

() sim ou () não () não sei

75. ALÉM DE ENSINAR A LER, ESCREVER E FAZER CONTAS, O QUE MAIS O(A) SR(A) ACHA DE VIA SER ENSINADO NA ESCOLA ONDE ESTUDA SEU(A) FILHO(A)? (colocar por ordem de importância o indicado pelo chefe de família)
-
-

76. O(A) SR(A) ACHA QUE DE VIA TER AULAS AOS PAIS NESTA VILA?

() sim ou () não () não sei

(passe item 83)

77. QUAL O PRINCIPAL MOTIVO DO(A) SR(A) NÃO TER NENHUM FILHO(A) NA ESCOLA?
-

c) do chefe de família em relação a um filho ou uma filha que não tenha ido à escola:

ANEXO 3

CODIFICAÇÃO DAS OCUPAÇÕES

- 1 - Agricultor
- 2 - Pecuarista
- 3 - Ocupações na construção civil (armador de construção, pedreiro, servente de pedreiro, ar. comprimido, empreiteiro de obras, porteiro de obras, apontador de obras, mestre de obras,)
- 4 - Ocupações caseiras (doméstica, faxineira, jardineiro, ajudante de cozinha, cozinheira, do lar, lavadeira, ajudante de lavadeira, babá, fazedeira de doces,)
- 5 - Ocupações no comércio (dono de bar/venda, balconista, garçon, garçonete, carneador, açougueiro, matadouro, peixeiro,)
- 6 - Ocupações públicas e/ou privadas (escriturário, recepcionista, auxiliar de farmácia, auxiliar de banco, auxiliar de escritório, caixa de banco, acessorista, datilógrafa, enfermeira, gerente, secretária, funcionário público, carteiro, professor secundário, servente em geral,)
- 7 - Ocupações liberais e assemelhadas (agrônomo, advogado, engenheiro, professor universitário, médico, árbitro de futebol, cantor, piloto, militar, jóquei,)

- 8 - Ocupações manuais especializadas (servente de carpinteiro, carpinteiro, servente de encanador, encanador, eletrcista, gráfico, mecânico, motorista, operador de máquina, servente de pintor, pintor, bordadeira, chapeador, ceregráfia, metalúrgico, padeiro, recauchutador, sapateiro, alfaiate, barbeiro, conserto de TV/rádio, marceneiro, serralheiro, zelador, artesanato, croche, trico, torneiro, desenho artístico, policial, pescador, costureira,)
- 9 - Ocupações manuais não-especializadas (classificação de fumo, limpador de frutos do mar, enxugador de carro, cambista, engraxate, freteiro, carroceiro, carregador, cobrador de ônibus, guarda-noturno, coletor de lixo, mineiro, remanejamento, calciteiro, encaixotador de cigarro/fósforo, lanterneiro, feirante, contador de madeira, madeireiro, tirador de madeira, reflorestador, lenhador, fiscal de transporte coletivo, capataz,)

ANEXO 4

CODIFICAÇÃO DOS MOTIVOS

- 01 - Motivo Econômico (falta de serviço, procurar serviço, ficar mais próximo do serviço, trabalho para os filhos, melhor de serviço, conseguiu serviço, ir trabalhar em Corupã-SC, a lavoura no Paraná era melhor, veio trabalhar com o cunhado, trabalho perigoso, para ambos trabalhar, filhos estão trabalhando, deixar a lavoura, facilidade de biscates, trabalha com lavação, gosta de negociar, ruim de serviço em Itajaí, conseguir serviço melhor, mudar de servente para pedreiro, aprendeu a tirar fotografia, serviço não era fixo, patrão não quis assinar a carteira, firma falio, longe do serviço, ganhava pouco, lavoura não dá dinheiro, situação financeira, falta de pagamento no serviço, passava fome, vizinhos ricos me ajudam, padre ajuda, filhos casados não ajudam com dinheiro, custo de vida muito caro, no serviço não pagavam,)
- 02 - Motivo familiar (mudança dos pais, separação com a pessoa que vivia, abandonou os pais, mudança da filha, morte dos pais, fugiu da mãe de criação, ficou viúva, mãe não me aceitava como eu era, briga de família, morte do marido da tia (fui cedido para morar com ela), tinha 4 filhos e não queria casar com um rapaz sem gostar, fugiu com o 1º marido, quer esposa perto da família, conhecia alguns amigos na vila, filho trouxe, morar perto dos pais, morte da esposa, gravidez, tinha irmão na vila, ajudar a filha que mora na vila, veio morar

com tio, socorrer os filhos, vai aumentar a família, briga com o genro, tem família grande, marido foi preso, pai não deixava andar sozinha, cuidar do filho menor,)

- 03 - Motivo habitacional (conseguiu barraco, não tinha casa para morar, morava numa estrebaria, comprou barraco, não pode comprar e/ou alugar casa/terreno, casa era do irmão, não pagaria aluguel, terreno cedido, morava em casa alugada, despejados de onde morava, casa era da sogra, comprou casa do irmão, assistente social conseguiu a casa, removida de outra vila, exigiram da gente muito aluguel, aluguel barato, trocou casa anterior pela atual, polícia deu a casa, não pagaria aluguel, vai construir uma casa, gosta da casa, aumentou a casa, já está colocado, não podia morar no local de antes, lugar ruim onde morava, morar numa casa melhor, casas muito juntas, casa pequena, conseguir um lugar melhor,)
- 04 - Motivo de saúde (tratar da doença, perto de farmácia, médico hospital, pressão alta, melhorou de saúde, sofre de asma, ficou doente,)
- 05 - Motivo fundiário (venda do sítio/terra/casa, falta de terra, terreno pequeno dos pais, terrenos apertados (pouco espaço, não dá para plantar,), pouca terra para plantar,)
- 06 - Motivo social (casamento (casou com uma moça da vila), não tinha INPS, conhece os vizinhos, gostou da vila, pessoas incompreensivas, ambiente ruim (ladrão, maconheiro, bagunça, vadiagem,), briga entre vizinhos, quando derem a indenização, não dá para criar filhos, por ser favelada(o), lugar mal visto pelo povo, por causa do INPS, melhorou de vida).
- 07 - Motivo de infra-estrutura (perto de ônibus, falta de ônibus, por causa da enchente, faltava água, tem água e luz, perto de açougue, perto de táxi, Zaira prometeu arrumar esgoto e rua, falta de higiene, muita poeira, falta muita água, esgoto dos outros cai no meu terreno,)

08 - Outros (dar estudo as crianças, falta de escola, filhos estão estudando, perto da escola, perto de Fpolis., saiu para passear e ficou em São Francisco do Sul-SC, mudanças frequentes, interesse de conhecer outros lugares, viajava com a companhia, mais quente, não quer ir a forquilhas, morava / mora perto da praia, não gostava de Biguaçu, mudança de cidade e/ou de local, veio para Fpolis., viaja pelo mundo, veio com a firma que trabalha,)

ANEXO 5

CODIFICAÇÃO DOS MUNICÍPIOS

- 01- Microrregião 292 (Joinville, Jaraguá do Sul, São Francisco do Sul,)
- 02- Microrregião 293 (Camboriú, Itajaí,)
- 03- Microrregião 294 (Blumenau, Brusque,)
- 04- Microrregião 296 (Ituporanga, Petrolândia, Rio do Sul, Taió , Lontras, Pousc Redondo,)
- 05- Microrregião 297 (Biguaçu, Garopaba, Tijucas, Palhoça, Paulo Lopes, Santo Amaro da Imperatriz, São José, Florianópolis,)
- 06- Microrregião 298 (Águas Mornas, Alfredo Wagner, Angelina , Anitapolis,)
- 07- Microrregião 299 (Imbituba, Laguna, Imaruí,)
- 08- Microrregião 300 (Criciúma, Gravatal, Lauro Müller, Orleães , Pedras Grandes, Santa Rosa de Lima, São Ludgero, Tubarão , Urussanga, Grão Pará, Treze de Maio,)
- 09- Microrregião 301 (Araranguá, Maracajá,)

- 10- Microrregião 303 (Bom Jardim da Serra, Bom Retiro, Lages, São Joaquim, Urubici,)
- 11- Microrregião 304 (Curitibanos, Santa Cecília,)
- 12- Microrregião 305 (Caçador, Joaçaba, Videira,)
- 13- Microrregião 306 (Chapecô,)
- 14- Fora do Estado de Santa Catarina

ANEXO - 6

CODIFICAÇÃO DA INFORMAÇÃO A RESPEITO DE COMO SE MANTÉM OS
FAVELADOS DESEMPREGADOS.

- 1 - Previdência social (aposentadoria, encostado, pensão de viúva,)
- 2 - Ajuda da Comunidade (esmola, doação de alimento pelo DASP, doação do educandário 25 de novembro,)
- 3 - Ajuda Familiar (filhos, pensão de sobrinho, filha faz faxina, irmãos e/ou irmãs trabalham, pai, amante,)
- 4 - Biscates (cuida do filho da(o) vizinha(o), lavação, ajuda a esposa numa vendinha,)
- 5 - Poupança (ordenado do último mês,)

ANEXO 7

CODIFICAÇÃO DAS MELHORIAS SUGERIDAS NA VILA PELOS FAVELADOS

- 1 - Infra-estrutura (por ônibus na vila, iluminação nas ruas da vila, providenciar esgoto/calçamento, melhorar a escola)
- 2 - Legalização dos moradores (enquadramento dos lotes/casas na prefeitura, pagar imposto predial/territorial, receber escritura do terreno, habite da casa, prefeitura parcelar o valor do terreno para que possa se adquirir)
- 3 - Melhorar o ambiente (aumentar o contingente policial, acabar com os ladrões, expulsar os maconheiros, vagabundas, vadios, vizinhos não são bons).

ANEXO 8

TABELA 20

Nível de escolaridade em 1980, do(a) filho(a) que frequenta a escola (N=73).

Escolaridade	N	%
primário incompleto (1ª a 5ª série)	45	61,6
primário completo (4ª série)	7	9,6
ginásio incompleto (5ª a 7ª série)	17	23,4
ginásio completo (8ª série)	2	2,7
2º grau incompleto (9ª a 11ª série)	2	2,7
TOTAL	73	100,0

$$\bar{X} = 3ª \text{ série}$$

TABELA 21

Outras atividades que a escola poderia oferecer, além de ler, escrever e fazer contas, segundo os chefes de família que têm filho frequentando a escola (N=73).

Atividades sugeridas	N	%
agrícola	3	4,1
manuais	8	11,0
educacionais	11	15,1
profissionais	32	43,8
outras	19	26,0
TOTAL	73	100,0

ANEXO 9

TABELA 28

Motivo apresentado pelos chefes de família, para não ter filho frequentando a escola (N=73).

Motivos	N	%
doença do filho	1	1,3
abandono da escola	13	18,2
falta de dinheiro	11	14,3
ajudam em casa	44	59,7
burocracia escolar	5	6,5
TOTAL	73	100,0